

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: NILO VAL, EURICO DUTRA e F. J. PINTO

N.º II2

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1923

Anno X

## ANNO NOVO

A cada anno que periodicamente se inicia corresponde sempre, como um consolo reconfortante para o homem, uma série de esperanças, graças ás quais se esquecem rapidamente os dissaborés suportados, muito embora á custa muitas vezes dos mais amargos sacrifícios.

O anno de 1923 segue também a lei geral: abre-se á influxo de novas esperanças, que oxalá se realizem de modo positivo, a despeito de outra série de dificuldades que teremos de vencer e que nem todas resultam de nós mesmos, mas são os reflexos inevitáveis da grande crise mundial que ora atravessamos e para cuja conjuração, no que nos toca, só devemos contar com as nossas próprias energias, aplicadas com criterio e oportunamente a cada caso particular a considerar no scenario da nossa actividade.

A Defesa Nacional, cujo ideal maximo se traduz no proprio titulo, acompanha com vivo interesse a evolução, quer política, quer social, da humanidade, porque lhe interessa muito de perto a parte relativa ao Brasil, cujos destinos não se poderão enquadrar nos estreitos limites de uma contemplação passiva, não obstante a apparente commodidade resultante de tal conducta.

Impõe-se-lhe o imperioso dever de entrar ativo e resoluto no convívio das nacionalidades varias, porque assim o exigem o seu prestigio e o seu progresso, mas a política no exterior se apresenta prenhe de interrogações difficéis de decifrar com clareza, e encaral-as com negligencia seria correr os riscos de decepções não pequenas.

Como argumento precioso e como valor positivo no dominio das cogitações

internacionaes, sempre se apresenta o peso eloquente das forças armadas, muito embora o phenomeno se revista de formas desfarçadas e mais ou menos engenhosas, razão por que o problema militar tem de ser encarado, notadamente pelos países novos, de modo decisivo.

As contingencias financeiras nem sempre permitem, como no caso brasileiro, que o problema se resolva pelo valôr material do numero, a solução tendo de ser procurado no factor qualidade.

Se o primeiro elemento escapa ao poder dos nossos recursos actuaes, o segundo está em nossas mãos, a grandeza do seu valôr dependendo do nosso esforço.

E' o que «A Defesa Nacional» deseja ardenteamente que se realize no novo anno, animada aliás pela grande confiança que deposita nos descendentes daquelles patriotas illustres que encheram de glorias o passado do paiz.

Ella proseguirá como sentinella avançada dessa grande obra, vivendo do Exercito e para o Exercito, em cuja solidá união, indissolúvel deante de divergências singulares e de carácter transitorio, ha de assentar-se com firmeza a grandeza do Brasil.

Simples na apparencia, é, no entanto, o problema de difficil solução, porque não depende do esforço de um só homem, mas da conjugação harmonica dos esforços parciaes de todos elleis.

Que essa dificuldade, porém, sirva de estímulo ao nosso trabalho — eis o que deseja «A Defesa Nacional» — que não poupará esforços na collaboração a prestar á sua classe, esperando o concurso decidido e sincero de todos os membros do nosso Exercito, sem distinção de credo, unica forma de patriotismo que o bom-senso nos indica no momento actual.

# A margem do R. I. Q. T.

Os officiaes de cavallaria de todos os postos, diz o regulamento para a instrucção dos quadros e da tropa, devem manter-se constantemente na pratica d'uma equitação vigorosa e ousada.

Sómente sob essa condição poderão elles cumprir, em todas as circunstancias e com melhor rendimento, sua missão de guerra; e ser ao mesmo tempo bons instructores, modelos para seus subordinados, firmando assim seu prestigio em tempo de paz.

A equitação, qualquer que seja a opinião dos profanos, é ainda a base do emprego da cavallaria: de nada serviriam as concepções táticas as mais ousadas d'um coronel incapaz, não só de commandar sua tropa, mas mesmo de seguir-a, secundado por commandantes de esquadrões ou tenentes obesos, fatigados ou sem treinamento! O valor dos quadros faz o valor da tropa, isto é uma verdade para a cavallaria mais que para qualquer outra arma.

Longe de ser desprezada, a instrucción dos quadros do regimento, em equitação, deve ser considerada como das mais importantes e ser objecto de cuidados particulares e constantes do coronel. Relativamente aos officiaes, diz ainda o R. I. Q. T., «velará elle para que os officiaes montem regularmente»; além disso, «designará um Capitão, particularmente qualificado, para dirigir o trabalho de aperfeiçoamento dos Tenentes». Quanto aos quadros inferiores dos esquadrões, assegurará que cada Capitão, conservando larga iniciativa, tome as providencias necessarias para que esta instrucción seja dada.

A acção do Coronel far-se-á sentir, além disso, pelo apoio e animação que, sem prejudicar o serviço, der aos officiaes desejosos de praticarem os sports hippicos, e pela organização eventual desses sports no regimento.

Apenas falamos aqui da instrucción dos officiaes, e da questão sportiva, deixando de lado a instrucción dos graduados dos esquadrões.

Primeiro que tudo, é conveniente bem precisar a significação da expressão «mon-

tar a cavallo», que todos, militares e civis homens, mulheres, meninos mesmo, orgulham-se de poder pronunciar, repeliendo com desdém o pobre «pietaile» que os cerca. Não ha um só desses seres humanos, que empoleirado no mais lamentável Rossante, não se considere, pelo menos momentaneamente, bem superior ao abastado capitalista que se conduza numa luxuosa *limousine*. Isto prova, a despeito dos delictos do motor de explosão, a verdade do que disse o Sr. Buffon: «La plus noble conquête que l'homme ait jamais faite»...

Entre essas phalanges de centauros e de amazonas não têm estas, geralmente outra preocupação além da garridice, — aliás irreprehensivel se o seu porte a justifica, — os motivos os mais diversos em compensação, obrigam aquelles a cavalgar. Uns, nas andaduras t. iquillas de qualquer preguiçoso e obstinado «porte-choux», acreditam como indispensavel a sua saude o illusorio exercicio que elles assim realizam; outros, mais pretenciosos porém não menos ignorantes, gesticulam desesperadamente sobre o animal coberto de espumas e que bate as suas ferraduras sem obedecer a Deus nem ao diabo. Ao lado desses, estão alguns militares que por dever consagram a essa tarefa diaria a hora necessaria a seu vêr para manter-se em condições de fazer campanha.

Sem querer offendre a todos elles, eu não poderia, entretanto, dizer que elles *montam a cavallo*, mas que *montam sobre um cavallo*.

Montar a cavallo é utilizar com presteza, habilidade e, se possível, com elegância, para um fim pratico determinado, o animal assim denominado, previamente adestrado, obedecendo ligeiramente e sem constrangimento aos effeitos das ajudas, franco e direito, confiante em seu cavalleiro como este em sua montada.

— E' bem simples, dirá o cavalheiro do animal espumoso; mas eu lhe responderei — menos simples que encontrar uma solução para o mais difficultivo tactico da Escola de Estado Maior.

Isso implica, com effeito, um conhecimento perfeito, tanto plastico como psychologico do cavallo, um estudo aprofundado

ado dos principios de equitação, muita aciencia, methodo e modestia. (1)

Todos os conhecimentos e qualidades assim exigidas do perfeito «gentleman-der» são precisamente os que o official e cavallaria deve adquirir e aperfeiçoar em cessar.

Este aperfeiçoamento dos conhecimentos préviamente adquiridos é que constituirá o objecto das instruções de quadros em equitação dadas, nos regimentos, aos tenentes, e supondo, como deve ser, que o jovem oficial ao sahir da escola seja já, em parte, formado neste ponto.

— Desde que o cavallo, querendo virar-se do cervo, no dizer de Lafontaine, óz-se á nossa disposição, a éra das eternas discussões entre «homens de cavallo», tal se julgando, está aberta.

A equitação é uma scienza ou uma arte? D' exclusivismo d'uma definição assim adoptada á priori nasceram as innumeráveis doutrinas mais ou menos contraditorias edificadas pelos defensores convencidos d'uma ou d'outra causa.

Sem querer lançar-nos aqui numa polémica fóra de propósito, que nos conviria, entretanto, por algumas considerações sobre o lado objectivo estreito uns ou o subjectivo desordenado uns outros, a explicar muitas divergências entre as obras de nossos contemporâneos que d'ella têm tentado escrever, procuraremos pôr todos de acordo, declarando que a equitação francesa, definitivamente fixada desde o Conde d'Aumont, e cujos principios temos adoptado, é jão esmo tempo uma scienza e uma arte. Scienza, porque, baseada sobre o principio de movimento do cavallo, exige o conhecimento:

1.º) das condições deste movimento e as andaduras, e, por consequencia, da anatomia, esqueleto, músculos e articulações; 2.º) dos efeitos mecânicos regulares e constantes os mais apropriados a modificar esse equilíbrio com o fim de obter as andaduras ou movimentos procurados.

Arte, porque, repelindo todo constrangimento, toda brutalidade e todo outro meio que não as proprias ajudas do cavaleiro, procura a obediencia da montada na agilidade, elegância do gesto e bom humor. E' então da acção pessoal do cavaleiro, de seu exacto sentimento dos efeitos produzidos, de seu dedilhar, que depende o grão de perfeição atingido na execução.

Ora, do mesmo modo que o melhor professor de desenho ou de pintura não pôde garantir que seus alunos chegariam a Raphael ou a Vinci, assim também o instructor de equitação, por mais competente, não formará certamente os Saint Phalle. O ensino da equitação consiste então em fazer conhecer nos alunos a scienza de que acabamos de falar, a qual dará aos mais exímios a occasião e os meios de se revelarem artistas, graça ao seu trabalho pessoal.

Por consequencia, cessação de discussão de escolas mais ou menos estereis. O regulamento de cavallaria adoptado no exercito brasileiro define uma posição e regras de emprego das ajudas; é exclusivamente sobre esta base que os instructores deverão trabalhar.

Elles terão que explicar os principios, raciocinar sobre as regras que dos mesmos decorrem, e dar em seguida aos seus alunos os meios e o methodo necessários para que d'elles façam applicação no adestramento do cavallo.

O ensino assim ministrado deverá então comprehendêr tres partes: equitação propriamente dita, ensino do cavallo, hipologia.

— Deixando de lado agora o domínio das generalidades para entrar no das realidades que nos ocupam — instrução de quadros no regimento, coloquemos a questão sacramental:

De que se trata? — De fundar uma academia de equitação? Não, mas unicamente de recordar aos jovens tenentes cheios d'allant que devem continuamente trabalhar para aperfeiçoar-se sem se afastar das regras d'uma sã doutrina e d'un methodo racional, e de obrigar, por outro lado, aquelles que não se apaixonam pelo

(1) Accrescentemos ainda — o que parece portuno, porque só é bom artista quem possuir bons utensílios — um material de bôa qualidade e bem conservado: uma sella confortável, cujo assento, abas sejam proporcionados exigências anatomicas de seu proprietário; rolos flexíveis e sólidos, sem falsos buracos; tribos que não comprimam os pés; uma silla rga que aperte a passagem dos sangos e não ventre; uma brida de couro flexível e chato em largas redeas; enfim, um freio conveniente delicadeza da boca do animal e a seu grão de treinamento.

sport equestre (na cavallaria estão desencaminhados) ou não mais se apaixonam (lastimemolos) por conservar entretanto o vigor e a agilidade proprios do seu oficio e a elegancia necessaria aos successos mundanos.

Para isso não é necessario fazer de cada regimento uma succursal ou uma concorrente da Escola de Cavallaria, ainda inexistente, repetindo cada dia essas instruções de quadros. Arriscar-se-ia assim, tornando fastidiosa essas sessões, ir de encontro ao resultado procurado. — A equitação e o ensino do cavallo pôdem ser conduzidos de frente: duas aulas por semana parecem sufficientes, uma com os cavallos d'arma no picadeiro ou na *carrière* (suppõe-se que esses cavallos estão adestrados), outra no picadeiro ou no exterior com os cavallos de ensino que, de accordo com o regulamento, os officiaes devem possuir. Cada sessão deve durar uma hora.

Accrescentemos uma hora de theoria applicada por semana, para a hippologia, o trabalho á guia, os cuidados a dar aos cavallos, ao arreiamento, á ferradura, etc. O Coronel terá tambem que reservar 3 horas na sua distribuição de tempo da semana para a instrucção a cavallo dos tenentes.

Dissemos que o regulamento prevê que esta instrucção deve ser dada no regimento por um capitão designado pelo Coronel. Importa antes de tudo que o oficial escolhido apresente as qualidades requeridas; a prescrição do regulamento nada tem de absoluto, é apenas uma indicação. Se o major está mais em condições, não se deverá hesitar em lhe confiar este papel de instructor; se o proprio Coronel, não alimentando illusões sobre seus recursos, quer reservar a si essa tarefa, nada a isso se oppõe e seu prestigio para com seus officiaes só tem a augmentar.

Passemos ao detalhe da instrucção a dar nos tres periodos enunciados: Equitação propriamente dita, ensino do cavallo, hippologia e conhecimentos diversos.

A sessão semanal de equitação terá por objecto reavivar nos alumnos os principios de equitação corrente contidos no regulamento de cavallaria e assegurar que elles os appliquem. Permitirá, além disso, verificar a condição e o estado de conservação dos cavallos d'arma de officiaes, sua aptidão e seu adestramento.

O coronel não deverá hesitar em fazer um official mudar de cavallo d'armas se a montada por elle escolhida não é de bona apparencia ou não apresenta as qualidades exigidas.

A progressão a seguir será a mesma do regulamento. O instructor se interessará em rectificar, se houver lugar, os defeitos de posição e a conservação da agilidade indispensavel ao emprego independente das ajudas. Alguns minutos de trabalho sem estribos no começo de cada uma dessas sessões serão muito proveitosos. Passará em seguida ao emprego das ajudas na direcção do cavallo. Toda figura de alta escola será proscripta deste programma de instrucção, que se limitará a ensinar a execução regular nas diferentes andaduras dos movimentos previstos no regulamento, terminando pelo galope falso e mudança de mão em linha recta.

A sessão de adestramento terá por fim 1.º) verificar o cuidado que cada official dá ao seu cavallo; 2.º) dar um metodo geral de adestramento; 3.º) dar conselhos particulares a cada um dos officiaes, segundo as difficultades que encontra nos animaes cuja aducação emprehendeu.

A sessão de adestramento será então sobretudo, uma sessão de verificação dos resultados adquiridos e conselhos praticos; o instructor deverá lembrar-se que o ensino só é feito de casos particulares e que é quasi impossivel obter que num conjunto de cavallos novos se encontrem todos no mesmo grau de adiantamento. Antes de tudo, elle insistirá: 1.º) no emprego da docura e da paciencia, com exclusão de todo processo brutal. O cavallo é um animal geralmente de boa vontade, mas naturalmente timidó, importa fazer-lhe comprehender o que se deseja d'elle obter por uma insistente e doce persuacão; 2.º) sobre a necessidade de um metodo. Para cada sessão de ensino o official deve ter assentado um programma, comportando uma revista do que o cavallo aprendeu precedentemente e prevendo no fim da sessão, se o começo foi satisfactorio, um progresso a realizar.

Só passar a cousas, novas quando o cavallo está prompto a comprehendelas. Deve-se ter em grande conta as condições de saude e de caracter em que se acha o animal novo. Não hesitar, se uma

sessão de trabalho no picadeiro se apresenta mal, em suspender-a depois do primeiro resultado obtido e ir passear o cavalo fóra.

A progressão a seguir no ensino será, como para a equitação propriamente dita, a do regulamento. Dever-se-á, depois de um anno de ensino bem conduzido, salvo casos particulares, conduzir o cavalo na mudança de mão correcta.

A hippologia e os conhecimentos diversos que fazem o «homem de cavalo», são em geral os mais desprezados. Sem elles não ha, entretanto, verdadeiramente fallando, bom official de tropa de cavalaria.

Lêde em de Brack as qualidades exigidas desses officiaes e vêde no regulamento da cavallaria ingleza a parte consagrada á hippologia, e aos cuidados a dar aos cavallos e aos arreiamentos, e certificareis de toda a importancia que deve ser dada a esta parte da instrucçao.

O estudo da hippologia é necessário, como vimos, tanto á equitação propriamente dita, que exige o conhecimento do esqueleto, dos musculos e articulações, como no mesmo ensino que necessita um estudo não menos aprofundado dos órgãos do cavalo e de suas funcções, do crescimento do animal, das faras ás quaes pôde estar sujeito, a nutrição a lhe dar, da ferradura, etc.

Este ensino da hippologia será ao mesmo tempo theorico e pratico.

Os cuidados a dar aos cavallos farão objecto d'uma particular attenção do instructor. Convirá insistir sobre a limpeza, os cuidados depois do trabalho, com os membros, a beberagem, a vigilancia do estado de saude geral dos animaes, as feridas, conservação dos cascos, etc.

E' preciso abandonar definitivamente uma idéa que parece muito espalhada nos regimentos de cavallaria e que consiste em suppôr que a vigilancia sobre o estado de saude dos cavallos, de sua conservação, da ferradura é da attribuição do veterinario. Se o veterinario tem a responsabilidade do estado de saude dos cavallos do regimento, sob o ponto de vista da observação geral das medidas de hygiene, da descoberta das epidemias e das medidas prophylacticas a tomar, segundo o caso, e passa com esse fim visitas sanitarias periodicas, o capitão commandan-

te e o official do pelotão não pôde repousar nelle quanto a vigilancia constante dos animaes de sua unidade. Esta vigilancia lhes incumbe particularmente.

O veterinario desempenha nas unidades o papel do medico hygienista; se lhe fosse atribuido, além disso, o papel de medico consultante, — não tendo os cavallos até aqui adquirido a faculdade da palavra, — 24 horas por dia não lhe bastariam.

E' na enfermaria veterinaria que está o medico consultante e cabe ao official do pelotão lhe fazer conduzir os clientes que, na unidade, têm necessidade de cuidados.

(Continúa)

Cmt. De Dalmassy.

## Officiaes de Estado Maior

Uma especie de exame de consciencia deve permittir que cada qual reconheça as suas proprias falhas e procure o melhor meio de faze-las desaparecer. Esconde-las é quasi sempre um meio de se illudir a si mesmo, pensando que se illudem os outros. Melhor é a confissão sincera dos versiculos da *Imitação*: «*Omnis fragiles sumus...*», revogada, como no caso de quem escreve estas reflexões, pela segunda afirmativa que o mesmo tudo comporta: «... sed neminem fragiliorem te ipso tenebis».

«Todos somos frageis; cuida porém que não ha mais fragil que tu.»

Feita esta sangria na veia da saude, raciocinemos sobre o caso.

«Como joven official, passava muitas das minhas horas vagas em meu modesto aposento de tenente, em Wesel, Wilhelms-haven e Kiel, lendo historia universal, historia militar e estudando geographia», escreveu Ludendorff, em suas memorias da guerra. Essa parece que é a base da formação do espirito dos officiaes de estado maior, a quem acontecimentos reservam, desde os tempos de paz, um papel muito importante na vida dos povos.

Assim como os exercícios physicos apropriados dão ao individuo a confiança em si mesmo, a historia patria, estudada especialmente nas suas relações com a

historia geral, dá-nos o orgulho nacional, o amor á gloria e a directriz permanente para os nossos destinos finaes.

A meditação historica, a determinação das relações inevitaveis que existem entre os mais recentes e os mais remotos factos da vida nacional, não devem effectivamente ser excluidas da bagagem regulamentar dos officiaes de estado maior. A historia diplomatica dos povos, estudada á luz das leis que presidem á esses phenomenos sociaes, encaminha o raciocinio preventor ou preparador das guerras.

Partindo de um tal ponto de vista, que a ninguem honestamente é dado negar, o conhecimento prévio da geographia, nos seus mais elevados dominios, é outra exigencia a que se não pode fugir. Esta, por sua vez, assenta no conhecimento physico do mundo e do cosmos.

Do estudo dos povos e das suas relações de toda ordem, surge a necessidade de conhecer o direito internacional, não esse que se lê nos compendios, todo feito de phrases convencionaes, destinadas a encobrir as verdadeiras intenções dos governos, mas o direito que permite interpretar os textos dos tratados, vistos como phases especiaes da actividade orientada dos povos modernos.

Amparando-se nesta respeitável bagagem scientifica, o verdadeiro official de estado maior saberá lidar despreocupadamente a mediocridade artistica dos themes tacticos, onde muitas vezes duas soluções iguaes não têm o mesmo valor, e aguçará o olhar que penetra muito longe e permite que se comprehenda em seu complexo a natureza da propria guerra. A visão dos tempos deixa então de ser um reflexo da estrella de raros genios, para ser o apanagio de uma élite.

Essa foi, em parte, a nossa tradição quasi secular. Infelizmente, a base scientifica não se acostava ás modernas cogitações technico-militares. Questões de época e de mentalidade relativa. E propriamente a reflexão de um historiador argentino<sup>(1)</sup>: «Non debemos medir las acciones del passado con las ideas del presente, ni aplicar los principios liberales y humanitarios de nuestros dias, al

juicio de épocas regidas por diversos padres morales...»

A lição desse conceito, utilisavel quasi sem paraphrases, é, sob tal ponto de vista, a defesa cabal dos nossos incriminados velhos cursos.

Se aqui um parenthesis se permitte, abramo-lo desde já, encerrando-o sem demora. Quem escreve estas linhas foi um dos maiores demolidores dos regulamentos de ensino recheiados de theory, tendo em mira fabricar doutores e não soldados. Hoje, finalmente, rende-lhes a devida homenagem, vendo nos seus itens um reflexo da época que os produziu. Ao polo opposto refluem, no seu exagero pernicioso, as idéas conducentes ao futuro sanguinismo do alto commando. E está fechado o parenthesis.

O conceito do historiador argentino é a defesa dos antigos regulamentos escolares. A escola tactica dos mathematicos, em que germinaram todos elles, não é de exclusiva criação nossa.

Houve tempos em que na propria Europa ninguem pensava em atravessar um fosso sem o auxilio de uma taboa de logarithmos<sup>(2)</sup>.

Dessem-se aos velhos cursos uma boa aula de tactica e estrategia, dos moldes das actuaes, aulas especiaes do serviço de estado maior, etc., realisassem-se manobras como as que ultimamente têm sido feitas, sob a direcção de especialistas, cedesse a mathematica algo á geographia e nenhum exercito poder-se-ia gabar de melhor apparelhamento espiritual.

Raciocinemos em voz alta.

Ninguem dirá que o recrutamento dos officiaes de estado maior seja um problema simples. Todos os povos esmeraram-se nessa escolha, de que as melhores garantias residem no passado militar de cada um.

Frederico o Grande escolheu-os entre a nobreza hereditaria de que era constituído o seu corpo de officiaes e que, ao que parece, offerecia então as melhores garantias.

Para Napoleão, o serviço de estado maior era bem pouco.

Elle pessoalmente se encarregava de prever tudo. A redacção das ordens não

<sup>(1)</sup> Martin Garcia Meron: *Historia de la República Argentina*, cap. I.

<sup>(2)</sup> V. der Ooltz: *De Rosbach a Jena*.

avia sido methodisada e Napoleão mesmo dictava: «Meu primo: Ordenae ao general S. que reuna em E.... a artilharia tomada ao inimigo; ordenae ao intendeante geral que transporte igualmente para esse ponto todos os armazens; ordenae ao marechal M.... que occupe formalmente a região de F....»<sup>(3)</sup>.

Berthier, simples «major général expédiant des ordres de l'Empereur», homem que não só «n'est rien dans l'Armée», como «ne cherche pas à y être quelque chose»<sup>(4)</sup>, passa a limpo e remette tais documentos. (Ahi, nessa directiva do imperador, aparecem confundidos, como germens diversos no mundo dos infusos, os elementos da 1.a e da 3.a secção dos estados maiores de hoje).

Entre nós, o serviço de estado maior deve aparecer pela primeira vez na campanha de 1825, dando os seus primeiros fructos em 1827. Parece fóra de duvidas que não passou o orgão correspondente de um mecanismo elementaríssimo<sup>(5)</sup>. Realisamos ahi Napoleão ás avesas, porque o marechal Brown passou ser tudo no exercito, relegando o verdadeiro commandante, o marquez de Baracena, ao papel de Berthier durante as batalhas.

De 1825 até quasi aos nossos dias, o estado maior em campanha reduzio-se a serviço de ordenanças, ou a uma invação de atribuições proprias da confusão os seres elementares. Houve, também, estados maiores compostos de paes, filhos amigos do peito, todos bem montados e isentos dos perigos e trabalhos das opas em combate — efeito da letra sorta das poucas exigencias legaes a observar na constituição desse orgão auxiliar do commando.

Com o desenvolvimento dos estudos teoricos, os estados maiores contaram sempre com elementos valiosos, alguns distinados, antecipadamente, a seguir o emplo do marechal Brown, antepondo ao verdadeiro commando, salvas apesar as apparencias por uma assignatura sua em baixo de cada ordem...

<sup>(3)</sup> V. der Goltz: *A Nação em armas*.

<sup>(4)</sup> General Gamelin: *La Stratégie de Nation*.

<sup>(5)</sup> A conclusão de um trabalho sobre o exercito Brasil colonial, destinado ao Congresso Nacional de Historia da America, retardou o leitanea de documentos relativos a este aspecto.

Num passado que não sendo remoto tambem já não é recente, o Brasil recrutou os seus officiaes de estado maior na verdadeira nobreza, não do sangue, mas da intelligencia. Unicamente, os velhos titulares das antigas escolas chegavam aos degráos do alto commando sem ter tido o menor contacto com a tropa, de que não conheciam nem a psychologia, nem as necessidades.

No entanto, ninguem lhes pôde negar, dentro das idéas de seu tempo, uma cultura fóra do commun.

Foram os bachareis de farda que, não obstante um certo desdem pela carreira das armas, deram ao exercito o seu logarzinho ao sol, uma vez que a nação, atacada da furia dos pergaminhos academicos, menospresava os chefes rudes da escola de 1822.

Politicos, diplomatas,科学家, os representantes desse estado maior não nos envergonharam, nem mentiram em nada do que a nação lhes pediu. Resolveram mesmo alguns problemas cuja complexidade ainda hoje nos espanta.

Pesando a influencia que sobre as idéas em marcha ha de exercer a nossa propria evolução, pôde-se definir a personalidade do official de estado maior de que carece o exercito brasileiro. Em resumo, prevalecem as qualidades de carácter, de intelligencia, de robustez physisca e de sobriedade.

«Em campanha, escreveu Moltke, as qualidades de carácter valem muito mais<sup>(6)</sup> do que as de intelligencia.»

Resta, pois, enumerar algumas das condições que definem o carácter, porque são muitas. Dependem, aliás, da educação, da conformação moral e do temperamento de cada um. Para bem julga-las, é necessário que a alma do juiz seja fiel como um espelho plano e capaz de retrata-las. Das imagens deformadas pela superficie reflectora muito tem-se fallado. E' isso o que explica o advento de certas personalidades mal julgadas pela opinião geral...

Uma das manifestações exteriores mais flagrantes é a susceptibilidade. O individuo de carácter não recebe entre dois sorrisos uma desattenção, mesmo velada.

<sup>(6)</sup> Instruções para o alto commando, prefacio, cit. de Hanschild.

Nada mais significativo que a carta que Napoleão escreveu (23-6-1797) ao presidente do Directorio, sobre a moção Dumolard, que o accusava de violações do direito das gentes. Não obstante a sua grande e justificada ambição, não se quiz abaixar para que passasse a onda!

O desconhecimento do merito alheio é uma manifestação da falta de carácter. Quando a guerra vem, os individuos que na paz constituiam as «igrejinhas», as sociedades de apoio mutuo para vencer na vida, em regra apodrecem na inanidade o quanto podem e só se desmascaram nas grandes crises. Tratando das «igrejinhas» no exercito batido em 1870, Moltke escreveu, esquecido do exercito prussiano de Yena: «O favoritismo introduzira, até nos altos postos do exercito francez, numerosos elementos inferiores.»

Logo após aos dotes de carácter, devem ser citados os da intelligencia, sem os quaes as qualidades de pertinacia, por exemplo ficam reduzidas a perniciosa obstinação.

Os grandes generaes não foram exclusivamente guerreiros excepcionaes. Alexandre aprendeu com Aristoteles as melhores noções da sciencia, antiga, Cesar encarnou uma reforma politica da sociedade romana e Napoleão exteriorisou manifestações de sua intelligencia, que ainda persistem, fóra do scenario de suas batalhas. Sem uma intelligencia grandiosa, esses homens não teriam produzido o que produziram em todos os dominios.

A robustez physica é indispensavel á coordenação dos esforços intellectuaes. E' ella até certo ponto susceptivel de medida, quer pelas partes de doente dadas pelo official, quer pelos trabalhos realizados por elle em todos os dominios de sua actividade profissional.

A sobriedade, em qualquer de suas manifestações, é uma qualidade muito apreciavel em todo o soldado.

Já lá se vão os tempos daquelles romances de cavallaria em que tres ou quatro protagonistas, depois de dura refrega, abancavam-se em torno de um javali assado! Hoje estas manifestações de apetite calham melhor aos films do Chico Boia ou do Macister alpino. Tambem o almofadismo é quasi sempre um recurso para encobrir as falhas do espírito.

Dos grandes generaes, apenas Cesar foi um precursor dessa gente que se ali-

menta com pó de arroz e agua da Colonia, enquanto que Annibal se collocou do lado opposto...

Outro meio de encobrir deficiencias organicas é a adopçao de uma physionomia dura, conjugada a uma certa indelicadesa. Entre nós, o duque de Caxias e o general Osorio, que preencheram definitivamente a época em que viveram foram delicados nos modos e sempre conservaram o bom humor dos homens saudios. *Mens sana in corpore sano!*

### Em conclusão.

Num paiz como o Brasil, o official de estado maior, para bem servir, vê-se cercado de dificuldades, algumas das quaes na apparencia, excedem á força humana. Tropeços de tal genero, não são os futeis e os frouxos os que hão de removel.

Essa missão incumbe aos homens de vontade, que dão de si mesmo a garantia

sufficiente a esse trabalho de Hercules. Guiados por Deus, ainda assim não lhes basta que se proponham apenas transportar o que fôr montanha, porque ha, além dessas dobras gigantescas que se levantam dentro da immensidate relativa da terra, obstaculos outros que não se submettem ás attracções generosas da fé que pôde operar aquelle milagre. E preciso muito mais, como na sentença illuminada do Zarathrusta<sup>(7)</sup>: quem transporta as montanhas deve poder transportar os vales e as profundidades.

F. DE PAULA CIDADE  
CAPITÃO

(7) Nitche: *Como fallava Zarathrusta.*

## A guerra e os pombos correio

15. 9. 1918

(Do arquivo do nosso pranteado camarada! ten. Carlos de Andrade Neves. Manuscrito a lapis, já bastante apagado, letra mudíssima, difícil leitura, trechos de penosa decifração)

I

Desde a mais alta antiguidade, utilizou-se maravilhosa facultade de orientação dos pombos, que os reconduz quasi invariavelmente ao seu pomboal. — Os Gregos e os Romanos pregaram-nos com sucesso nas suas guerras de assalto e de movimento. Entretanto, foi só depois da guerra de 1870 que os exercitos europeus

tiraram verdadeiramente partido e desenvolveram suas qualidades até a perfeição pelo duplo esforço de seleção e de educação.

Todos se lembram dos serviços prestados pelos pombos durante o sitio de Paris; as linhas telegráficas estavam cortadas, a capital completamente investida e seus habitantes pareciam isolados do resto da França, mas os balões que atravessaram o círculo dos exercitos inimigos levaram com elles numerosos pombos, estes fieis mensageiros voltaram em seguida aos seus pombaes, trazendo notícias da província impressas photographicamente em caractéres minúsculos sobre pelliculas que se projectaram em seguida sobre uma tela. Assim, Paris recebia regularmente um verdadeiro jornal, que o mantinha ao corrente das operações militares e da vida do país.

*Os pombos correios de 1870 a 1914* — Depois de 1870, comprehendeu-se a necessidade de um serviço colombófilo poderoso. A criação de pombaes militares foi encarada na reorganização do exército francês e o novo serviço foi afecto á arma de Engenharia, Secção de Telegrafia militar. Na França, Inglaterra, Alemanha e Belgica a criação e educação do pombo correio tiveram um rapido desenvolvimento.

Importantes sociedades organizaram concursos internacionaes que puzeram em destaque os resultados obtidos. No decorrer de provas de longa distância, viu-se concorrentes que percorreram de um só lance até 1.000 Km., dos quais parte sobre o mar. Estes magníficos resultados impressionaram e varios jornaes da tarde instalaram pombos-modelos para receber o mais depressa possível as notícias sportivas.

No decorrer de sua formidável preparação militar, a Alemanha não tinha descuidado a constituição de pombaes.

A criação era encorajada em todo o império. Agentes secretos adquiriram os melhores reproductores belgas, onde a columbophilia tinha se tornado um sport nacional. Encarando uma guerra proxima, os alemães davam a certas divisões uma viatura-viveiro, na qual eram conduzidos um certo numero de pombos treinados, que deviam voltar aos seu pombal de origem.

O facto seguinte mostra a importância que os alemães ligaram á columbophilia: desde que elles invadiram a Belgica, em Agosto de 1914, lançaram proclamações que ordenavam aos habitantes, sob a ameaça de penas as mais severas, de entregar todos os seus pombos correios ás autoridades militares.

Na França, desde o tempo de paz, todas as pracas fortes de Este eram dotadas de pombaes militares, as divisões de cavalaria munidas de uma viatura-viveiro e cestas especiaes. No decorrer desta guerra, foi no exército francez que nasceu a ideia de utilizar o pombo correio nas linhas de fogo e que seu emprego foi adaptado ás diversas phases de batalha; surgiu igualmente a ideia dos pombo correios realizada no princípio de 1915.

Convencidos pela experiência de Verdun do papel importante que podia desempenhar o pombo correio na batalha, os alemães esforçaram-se igualmente nesse sentido a partir de 1916.

*A educação do pombo correio* — O treinamento ordinario do filhote começa desde que

elle tem forças para voar. No fim de algumas semanas, elle deve conhecer a voz de seu guarda, vir comer na sua mão, obedecer á sua chamada.

Na idade de 3 mezes começam os vôos de ensaio. O pombo é primeiro largado a uma fraca distancia do pombal. A distancia é aumentada de dia a dia, até atingir 30 Km. O pombo effectua esses vôos com o tubo portadespacho de alumínio fixado na pata; ao mesmo tempo é treinado em longos transportes em pequenos cestos para conservar toda sua resistência quando acompanha mais tarde a infantes, ciclistas, e equipes de aviões ou tanks.

Treinado no vôo e habituado a entrar promptamente no pombal, o pombo deve ser habituado ao barulho da batalha.

Para este efecto, o pombal é posto em serviço no front e os pombos são largados no meio dos batalhões em acção, depois são collocados alternativamente em ponto preparado nas trincheiras onde elles participam da vida dos combatentes, para os quais fazem ligações de exercícios.

A aprendizagem do pombo está então terminada, e elle toma o seu lugar no pombal militar; é treinado agora em atravessar periodicamente longas distâncias a grande velocidade.

Segundo a potencia de seu vôo, a calma de que deu provas entre a artilharia, recebe uma classificação: é superior, si possue grande velocidade e grande regularidade, bom, si é regular e seguro; mediocre, si não se pôde contar com elle em circunstancias difíceis, apesar da velocidade que pôde dar.

Os pombos bons ou superiores são elles mesmo seleccionados; os melhores d'entre elles são exercitados em fazer ida e volta entre um pombal e um outro ponto. Os «azes» são treinados nos vôos nocturnos. Sabe-se que o pombo correio tem a escuridão e não vôle espontaneamente á noite. Entretanto, sua faculdade de orientação subsiste. Por uma instrução toda especial, consegue-se fazel-o voar depois do deitar do sol, em tempos os mais sombrios e assegurar em boas condições as ligações nocturnas.

*O pessoal colombófilo* — Um bom colombófilo não se improvisa. Elle não deve, com efecto, ignorar os hábitos, costumes dos pombos. Deve estar familiarizado com o treinamento destes passaros, seu modo de alimentação e cuidados que reclamam. Deve ser capaz de distinguir suas qualidades particulares, desenvolvê-las rapidamente e dellas tirar o melhor partido. E' preciso, durante os exercícios ou operações, evitar os observadores inimigos e assegurar a partida nas melhores condições possíveis. Emfim, em toda a zona perigosa, elle deve manter constantemente os pombos ao abrigo dos bombardeios e protegel-os no momento das emissões de gases.

Comprehende-se, nestas condições, que o exército tenha um pessoal escolhido: officiaes columbófilos, sub-officiaes e homens de tropa recrutados sobretudo entre os criadores no tempo de paz. Este pessoal dispõe de um imida e volta, nocturnos, etc.

Graças a esta organisação, que é constantemente aperfeiçoada, todas as unidades de tropa, os cyclistas, os elementos de cavalaria, os destamentos de reconhecimento, a equipagem de aviões

ou de tanks possuem sempre pombos convenientemente treinados e capazes de manter uma ligação rápida e segura, quando todo outro meio tornou-se lento demais, aleatório ou deixou de funcionar.

*Os serviços prestados pelos pombos* — Sabem que, na batalha moderna, a actividade da artilharia inimiga e a sua visibilidade tornam insuficientes a maior parte dos meios empregados para assegurar uma ligação estreita do comando com as unidades combatentes e falham ás vezes nos momentos mais críticos. As linhas telefónicas são geralmente cortadas na zona dos ataques. — A intensidade da circulação sobre as estradas da frente e a regulamentação severa que ella impõe, retardam consideravelmente a transmissão de informações. Os corredores (estafetas) chegam com grandes atrasos em consequência do estado do terreno ou da violência da barragem. Os signaes ópticos, obscurecidos pela fumaça e a poeira, são muitas vezes impraticáveis. Emfim as observações aéreas, em inúmeras circunstâncias desfavoráveis devido ao mau tempo, o afastamento dos objectivos, não informam sempre ao commando de uma maneira suficientemente precisa sobre a marcha do combate.

Só os pombos correios funcionam regularmente, apesar do bombardeio, da poeira, da fumaça ou cerração e trazem em um tempo relativamente curto precisões sobre a situação das tropas empenhadas.

Graças a elles, o commando fica sempre mantido ao corrente da situação das unidades de 1.ª linha, do ponto atingido e recebe a tempo as apreciações e pedidos dos executantes, perdas, fadiga de homens, grão de resistência do adversário, oportunidade de um tiro sobre um sector preciso, necessidade de reforços sobre um ponto ameaçado, etc.

*Alguns exemplos* mostrarão que serviços têm prestado os pombos correios nas grandes batalhas da guerra.

Em Verdun, sabe-se como, de 2 a 5 de Junho de 1916, as mensagens dramáticas do comte Raynal permitiram seguir os esforços da heroica guarnição do forte de Vaux.

Todos se lembram dos combates encarniçados feridos em torno da ferme Thiaumont, a 9 de Junho; informações contraditorias tinham chegado sobre sua ocupação. Em 20 minutos, graças aos pombos correios, o commando foi elucidado de uma forma segura.

A 12 de Junho, no decorrer de um ataque inimigo sobre a frente de um regimento de infantaria, inúmeros feridos affluíam dos postos de socorro, não se dispunha de nenhum outro meio de transporte á retaguarda: ás 8 e 20, o Cel. envia uma mensagem; ás 8 e 45 a ambulância divisionária é avisada e envia paleiro.

De 21 a 23 de Junho, os alemães pronunciaram poderoso ataque. Todas as comunicações telefónicas são destruídas, a barragem de artilharia intercepta o acesso do terreno nos corredores; a ligação óptica tentada em vão, custa a vida a um official e 3 homens. O Ten. Cel. Girardon, commandando um regimento de infantaria, recorre aos pombos; suas mensagens alcançam o commando em um espaço de tempo que varia de 20 a 25 minutos; graças aos pombos correios os reforços chegam a tempo.

No mesmo momento o inimigo se esforça para tomar de assalto a obra de Froideterre. O capitão Dartignes, que a commanda, só pode comunicar por meio de pombos correios. A 23, ás 9 horas da manhã, elle assignala que o inimigo está a 500 metros; ás 10 horas elle anuncia o envolvimento do forte; ás 11 horas elle informa que a situação torna-se cada vez mais crítica, mas que o espírito da guarnição é excellente e que todos lutarão até o fim. Assim mantido ao corrente, o commando toma suas disposições e consegue libertar a obra.

Nas operações de 1918, os pombos correios distinguiram-se particularmente.

A 15 de Julho, no ataque alemão de Champagne, apesar do bombardeio violento ao qual foram submetidas as retaguardas do front, a ligação por pombos funcionou de uma maneira perfeita. Graças a elles, o avanço do inimigo foi seguido passo a passo e os postos disseminados na zona de cobertura puderam informar que elles tinham preenchido sua missão heroica; no dia 15 de Julho, 50 colombogramas foram recebidos, dos quais 12 em um espaço de 7 a 15 minutos e 20 em um espaço de 16 a 30 minutos. Poder-se-ia multiplicar os exemplos tomados nos registos columbófilos.

Todos são concludentes: provam que, nas situações difíceis, o pombo correio é o melhor muitas vezes o único agente de transmissão capaz de prestar os maiores serviços ao commando, capaz também de se distinguir pela frequência das viagens ou dos perigos corridos. No decorrer da batalha de Verdun, três pombos conduziram cada um 7 mensagens importantes, um grande número de outros foram atingidos, mas cumpriram entretanto sua missão. — Vários dentre elles voltaram ao pombal meio destripados, outros feridos na cabeça ou nas patas. Em 15 de Julho último, no Marne, um pombo chegou esgotado ao pombal, os dedos da pata arrancados por um estilhaço de projétil, era portador de uma mensagem que permitiu ao commando responder efficazmente a um ataque do inimigo.

*Os serviços dos pombos marítimos* — Os pombos correios são também empregados no mar. Actualmente na França todos os centros de aviação e de aerostação marítima, assim como as esquadrias costeiras, têm seus pombos; todo avião ou dirigível que parte em reconhecimento leva vários pombos.

Estes passaros substituem vantajosamente os apparelhos de T. S. F.; estes são custosos e de um manejo delicado; raramente estão no ponto por causa das trepidações do motor e da rapidez das evoluções; não se os pode empregar frequentemente, o inimigo podendo interceptar as ondas hertzianas.

Graças a seus pombos correios, o aviador, o aeronauta, o commandante de submarino pode informar rapidamente o commando e pedir socorro em caso de acidente. Os jornais ingleses publicaram recentemente o fac-símile de uma mensagem por pombos que um patrulhador tinha lançado no momento de sossobrar no abismo. Cita-se ainda um hydro-avião inglês que, caído completamente desamparado em pleno mar do Norte, foi salvo graças a seus três pombos, dos quais a prompta volta ao pombal permitiu a uma torpedeira ir recolher os aviadores.

(*Bulletin de la Section d'information du G. Q. G.*, 15. 9. 1918).

## Officiaes de reserva para a artilharia

Vae pela nossa patria um salutar pru-  
rido na formação do quadro de reserva  
para o corpo de saude, que está sendo  
criteriosamente organizado, dadas as qua-  
lidades de idoneidade que a lei sabiamente  
exige.

O mesmo, porém não se pôde dizer  
quanto á constituição do das armas.

Espaçadamente, de longe em longe,  
vem a transferencia de um antigo official  
da Guarda Nacional para a 2.<sup>a</sup> linha,  
muitos dos quaes, os dos serviços de  
guerra, em sua maioria, sem a imprescin-  
dível capacidade; de tempos a tempos  
um sargento é nomeado 2.<sup>o</sup> tenente da  
2.<sup>a</sup> classe da reserva de 1.<sup>a</sup> linha, ou  
ainda, um rapaz, destes que poucos exis-  
tem, abnegado, patriota e desinteressado,  
atinge, com grandes esforços, o aspiran-  
tado da citada classe.

Mas tudo isto vae morosamente, lenta-  
mente, pelo desinteresse que a nossa ju-  
ventude mostra por outra coisa que não  
seja *foot-ball*, e tambem porque aquillo  
daria trabalho, e o brasileiro é franca-  
mente partidario do menor esforço, do  
parecer e não do ser; agrada-lhe mais  
a coronelisação facil da velha *Guarda Na-  
cional* e repugna-lhe a moderna e tra-  
balhosa formação do tenente de reserva.

Deixemos, porém, de divagações e en-  
tremos em assumpto real.

A tão sabia disposição do regulamento  
n.<sup>o</sup> 68, da criação, nos corpos de tropa,  
da escola de commandante de pelotão ou  
secção, cujo curso habilitará ao officialato  
de reserva, não dá na prática resultados  
satisfatórios, pelos argumentos que passo  
a expôr:

1.<sup>o</sup>) A instabilidade constante dos offi-  
ciaes, a deficiencia de seu numero e a  
decorrente *praga das interinidades*, trarão  
amíúde a substituição dos instructores de  
taes cursos e, *ipso-facto*, a sua desor-  
ganização e até anniquilamento pela falta  
de continuidade.

2.<sup>o</sup>) Correndo os exames pelo proprio  
corpo, como correm, virá, como já tem  
vindo, a muito brasileira mania do *com-  
padresco*, da *benevolencia* e da *tolerancia*,  
fazendo-se, contra o interesse do Exercito,  
officiaes de reserva a certos *bons homens*,

é verdade, que vêm cheios de divisas  
desde um longo passado, mas cujos co-  
nhecimentos são *exclusivamente burocrati-  
cos*; conhecimentos estes, tão ao sabor  
dos nossos velhos homens bolorentos  
deste passado de *ignacia*, para os quaes  
a *instrucción* é uma *drogas*.

As sympathias do corpo são impeci-  
lhos á justiça, á razão e ao verdadeiro  
criterio na selecção necessaria a tão  
magno problema; é commun ouvir-se  
«coitado!... elle é tão bom... tem tan-  
tos filhos... vamos DAR-LHE (como se  
o examinador fosse proprietario dos exa-  
mes) isto, não faz mal... elle vae para  
a reserva... e arranja um emprego no  
alistamento».

Esta falta de ponderabilidade é bem  
commun á nossa gente; esta leviandade  
que esquece a magnitude dos problemas  
e desconhece, ou finge desconhecer o  
perigo de taes soluções, em que só se  
encaram os interesses pessoaes, é toda  
nossa, muito brasileira, muito caridosa,  
mas... no meu pobre vêr, muito... erra-  
da, pois visa transformar (o que de im-  
memoraveis tempos se vem fazendo) o  
Exercito em sociedade protectora de in-  
validos, physica ou mentalmente fallando.

Pelo que disse, verifica-se que taes cur-  
sos não collimão seus fins nos corpos,  
e os officiaes, dahi oriundos, serão ver-  
dadeiros *trambolhos burocraticos* nos dias  
terríveis em que a Patria precise delles  
nos campos de lucta.

Analysemos agora a outra fonte de offi-  
ciaes de reserva — os civis.

O autor destas linhas tem envidado os  
maiores esforços para obter a adhesão  
de candidatos, mas até hoje nada con-  
seguiu, porque sempre motivos de inter-  
esses materiaes fazem espantos do ser-  
viço as pessoas sufficientemente habi-  
litadas.

A solução existe; já é lei, consiste na  
criação das *escolas de sargentos*, das  
quaes já funciona a de infantaria.

O exame dos *candidatos a sargenio-  
ajudante*, identico ao destinado ao offi-  
cialato de reserva, realizado nesta região,  
apezar da boa vontade da banca, aliás  
bem compativel com o interesse do Exercito,  
dada a sua relatividade, foi, para a  
minha arma, a prova mais cabal da defi-  
ciencia de preparo dos candidatos, dos  
quaes mais de 50% foram reprovados.

Estudemos a solução do caso para a artilharia e, se conseguirmos analysal-a plenamente, terá sido attingida a meta de tal trabalho.

A escola de sargento de artilharia deve ser encarada sob triplice aspecto:

- 1.º) — Fazer sargentos capazes para a arma e especialidades;
- 2.º) — Preparar os actualmente existentes para os postos que exercem e para o de sargento-ajudante e, consequentemente, para subalternos de reserva;
- 3.º) — Preparar civis para officiaes de reserva.

Explanemos estes pontos:

1.º) — Ninguem ignora que na nossa Patria geralmente os regulamentos foram feitos, e aliás bem feitos em sua maioria, para serem calcado por muita gente que, parodiando o brilhante monarca diz: «O regulamento sou eu», e um dos mais costumeiros destes desgarres é a promoção a sargento de quanto cabo incapaz e atraçado existe; bastando-lhe para isto a sympathia de quem «tudo pôde», que manda ás urtigas o concurso regulamentar, ou simula rejeitá-lo, nomeando commissões de gente que se presta a fazer os mais descabellados escândalos, para agradar ao mandão ou ceder ao intolerável regimem dos pistolões, dando como resultado um grande numero de sargentos que só servem para concertar aramados ou touzar cavallos, enquanto as peças de que são chefes, ahí ficam á matroca, entregues a cabos, ou, ás vezes, dada a falta desses graduados, a *recrutas mais adiantados*.

Ora, preparados na escola cabos e soldados para aquellas funcções, ter-se-ia douros fructos excellentes: a) sargentos capazes e com aprendizagem uniforme; b) mais respeito aos regulamentos, pelos chefes, que não poderiam *fazer escolas* como fazem concursos.

2.º) — A passagem dos velhos sargentos pela escola poderia tomar tres aspectos: a) os que já estão habilitados, (e estes são muito poucos), lucrariam bastante com os novos conhecimentos que geralmente ainda não tem solidos; b) os que pouco sabem, ou nada sabem, mas que possuem qualidades de aprender (e estes são a maioria), seriam arrancados á pasmaceira fazedora de pernoites e valles de rações, etc., dolorosa e roncereira

mania rotineira da maioria dos corpos, cuja instrucção geralmente se cinge a uma meia duzia de coisas, ás mais das vezes, *hypertrophia papagueada* de instrucção geral, para «fazer fita» e «impressionar o indígena» quando os generaes inspecionam ou visitam; seriam, dizia eu, arrancados e levados para um meio onde se os fizesse verdadeiramente soldados; soldados para a guerra e não soldados para as *pantomimas de pateo de quartel*; soldados para o nobre e salutar dever de preparar homens para a defesa da patria e não manipuladores de *chapas-vivas* para gramophones, — *abortos de tarimba*, — como geralmente são os nossos pobres recrutas, a quem enchem de uma *parolagem* cujo significado nem sequér lhes explicam; c) os incapazes — ruidos de alcohol, envelhecidos e envilecidos numa quantidade enorme de archaismos, que subsistem e que cumpre demolir, os rheumaticos, etc., com facilidade seriam eliminados pela escola, aproveitando-se-os para os cargos burocraticos, dentro e fóra dos corpos, e para os quaes teem decidida vocação, suficiente obesidade e os imprescindiveis cabellos brancos, assecuatorios da pacatez e quietude exigidos para tales logares.

3.º) — Preparar civis para os postos de official de reserva; e esta me parece a parte mais importante.

Os corpos, com raras excepções, não estão na altura de fazel-o bem, pelos varios motivos que citei anteriormente, no principio deste artigo, e tambem pelo perigo de commandantes complacentes darem excessivas regalias aos moços de boas maneiras que aspiram o officialato por simples motivo de vaidade.

E' difícil que homens de posição já definida, com occupações das quaes não se podem afastar, chefes de familia, deixem seus affazeres e interesses para servirem 12 ou 13 meses, *absolutamente sem remuneração*, pois a que havia, muito sibiamente, no regulamento anterior, foi revogada pela solução de uma consulta resolvida durante uma das interinidades da pasta da guerra.

Para nós, para a artilharia, me parece que a solução é a criação das escolas de sargentos de artilharia; por enquanto uma em Curityba ou Porto Alegre; na qual poder-se-iam matricular annualmente cerca de 120 alumnos na seguinte propor-

ção:  $\frac{1}{3}$  de sargentos que devam adquirir o curso; um certo numero de cada posto por unidade e compulsoriamente, caso não existam no corpo numero suficiente de candidatos voluntarios;  $\frac{1}{3}$  de praças ou civis candidatos aos postos de sargento de tropa e finalmente  $\frac{1}{3}$  de civis candidatos ao officialato de reserva.

Os sargentos providos deste curso estariam aptos a serem aproveitados como officiaes de reserva, quando terminassem de servir no exercito activo, e durante a estadia na fileira, teriam preferencia aos accessos na respectiva hierarchia.

Vejamos as razões pelas quaes julgo de maior vantagem a escola em Curityba ou Porto Alegre.

Estas cidades possuem escolas de engenharia; installada nas suas proximidades, a escola de sargentos seria facil, desde que seus officiaes tomassem interesse na sua propaganda, obter dos jovens estudantes um grande contingente annual de officiaes de reserva.

A esses que não tem ainda de se preocupar com os meios materiaes de viver, seria muito facil attender ao apello, uma vez que, pela proximidade das escolas, não se lhes perturbasse os estudos academicos; o que será muito facil de conciliar por um cominandante capaz e bem intencionado.

Moços, intelligentes, com grande pre-  
paro scientifico, animados dos generosos  
ideáes da juventude, será muito facil obter  
delle os mais promissores resultados,  
maximé quando tal serviço já os isenta  
do decorrente do sorteio, o qual viria  
em peores condições tomal-os nos ultí-  
mos annos do curso ou no inicio da car-  
reira de engenheiro.

Não creio que no Rio se possa colher o mesmo resultado com os alumnos da Polytechnica, pelos motivos que se seguem: 1.º — impossibilidade de collocar a escola de sargentos nas suas proximidades; 2.º — centro muito grande, que esfria o valor da mocidade, pela multiplicidade estonteante de aspectos que a vida apresenta.

Não conhecendo Curityba, não posso dar uma idéa precisa, mas creio para mim que posso equiparal-a a Porto Alegre.

Em Porto Alegre, a maior parte dos varios «Institutos» da Escola de Engenharia, grupa-se no fim da parte central

da cidade, junto ao grande Campo da Redempção, do outro lado do qual, a pouco mais de um kilometro, servido por 2 bondes, está o actual quartel da 8.ª Companhia de Metralhadoras, que tem de seguir para Cruz Alta; e a qual bem podia prestar-se ao mistér acima referido, mediante pequenas adaptações.

Quanto ao armamento de artilharia — ha perdidas, aqui pelos parques dos corpos, 5 baterias de canhões de tiro rapido M B 1905, aos quaes falta apenas o suporte da alça, coisa que o Arsenal d'aqui faria em dous tempos.

Quanto ao conhecimento do material de artilharia pesada ou de montanha, uma viagem á margem do Taquary (¹) (4 horas em vapor), ou a São João do Monte-negro (²) (5 horas de trem) permittirá, depois de acabados os trabalhos annuaes, em uma visita de 8 dias, pôr os alumnos ao corrente das especialidades do material e respectivo emprego.

Escolhido com o maximo criterio o comandante, e por este os auxiliares, estou convicto que tal escola trará ao exercito um optimo serviço no ingente problema da formação de officiaes de reserva, para cuja consecução «A Defeza», em varios editoriaes, levantou e sustentou, em boa hora, tão salutar campanha, que infelizmente não tem tido dos camaradas e do povo o auxilio que merece.

Voltarei breve sobre assumptos que a este se prendem.

CAPITÃO LUIZ A. CORREIA LIMA.  
do 6º R. A. M.

(1) Actualmente ahi está o 3º R. A. P. e futuramente ficará o 8º R. A. P. quando aquelle seguir para sua parada — Cachoeira.

(2) Ahi será organizado o 3º Grupo.

## CONSEQUENCIAS DA CONQUISTA DOS ARES

O Brasil, mercé dos ensinamentos reaes da ultima grande guerra de 1914-1918, resolveu entrar em um periodo activo de organisação militar, tendo em vista a necessidade imperiosa de não permanecer na sua situação de idealista deante das situações concretas e positivas das demais nações do mundo.

Era-lhe, realmente, impossivel continuar no caminho que trilhava, pois que

sus responsabilidades aumentavam e os meios de attendel-as nem por isso.

Foi assim que se iniciou o prepraro profissional do seu exercito, cuja offcialidade presentemente, salvo raras exceções, se entrega de corpo e alma ao mistér de burlar seus conhecimentos profissionaes nos diversos cursos que se abriram.

Ao Exercito Nacional nunca faltaram intelligencias das mais brilhantes nem tampouco a consciencia de que lhe era preciso enveredar pelo caminho de uma remodelação completa no funcionamento dos seus diversos orgãos.

Mas, faltavam-lhe dois elementos essenciaes de successo — o estimulo e o prestigio real — sem os quaes teriam de morrer fatalmente, como sempre morreram, as mais patrioticas iniciativas.

Não raro os maiores devotamentos e as mais lucidas intelligencias tiveram de retrahir-se deante das condições do meio, acabando sempre vencidos e... no ostracismo.

Comtudo, as condições mudaram, e hoje em dia já se pôde aventurar algumas idéas de caracter militar, na esperança de que sejam, pelo menos, lidas, razão por que traçamos estas rapidas linhas, fructo da meditação sobre conselhos de mestres.

A guerra é um facto positivo e o prepraro para ella uma necessidade que hoje em dia ninguem contesta.

O fim da guerra será compellir o adversario a aceitar as condições de paz que se deseja, a acção militar sendo o meio, que aliás deverá cessar logo que se torne desnecessario.

Comtudo, a acção militar é indispensavel para terminar a guerra, não se conccebendo que uma nação ensarilhe ou deponha as armas senão quando a isso obrigada pela força material, pois que só deante da eloquencia dessa força é que se desenvolve a consciencia da derrota.

Isso sempre foi verdadeiro, tanto hontem, como hoje, e, de certo como o será no futuro, apenas variando as lutas nas fórmulas de que se possam revestir.

Antigamente, as questões se resolviam entre os exercitos, mas hoje o exercito e a nação estão tão intimamente ligados que formam um todo indissolivel, e é esse todo que faz a guerra.

Portanto, se se conseguir, por um es-tratagema qualquer, attingir a nação adversaria antes de destruir seu exercito propriamente dito, este poderá ficar em situação tão precaria que se confessasse vencido, pois que elle vive do affluxo constante das riquezas da nação.

No seculo XX e mesmo nos fins do XIX, ao grande desenvolvimento economico correspondeu um phenomeno de ordem scientifica que modifcou sensivelmente os dados technicos do problema militar, e esse phenomeno foi a conquista do ar, que, segundo diz o general Serrigny «creou, de facto, na tactica uma terceira dimensão, de que até então não se havia cuidado».

Antes dessa conquista genial, só se conseguia penetrar no sólo adversario por terra ou por agua, depois de recalcar as poderosas barreiras de forças legitimamente oppostas por esse adversario, que, bem organizado no terreno, poderia considerar asseguradas as suas communicações, os seus armazens, as suas usinas, pelo menos em quanto não fosse batido.

Mas, agora a situação se alterou, pois que será possivel lançar por cima dos exercitos as esquadras aéreas, que não temerão os canhões, as rôdes de arame ou os milhares de tropas accumuladas na fronteira, podendo attingir por uma estrada ampla a vida nacional do adversario.

E' verdade que o adversario poderá reagir pelo emprego tambem de apparelhos aereos, mas a reacção nesse terreno já se torna muito difficult, não podendo lograr um exito completo.

Será sempre possivel illudir ou forçar a vigilancia do adversario, lançando milhares de bombas nas usinas, nas estações ferroviarias, nas cidades, pois que o campo de evoluções da aeronautica é infinito e elle poderá sempre, aproveitando-se da obscuridade, de sua velocidade, da amplitude do raio de acção dos seus apparelhos, cumprir as missões de destruição ou de panico que lhe forem determinadas contra o territorio inimigo.

Semelhantes acções terão necessariamente uma repercussão immediata e sensivel sobre os exercitos de operações, de terra ou de mar, que ficarão privados dos elementos que lhes são imprescindiveis á vida e que a nação lhes fornece. Além disso, se, como os factos o tem

demonstrado, o desanimo irradia da retaguarda para a frente, o pânico de que fôr possuída a população do interior do paiz se reflectirá decuplicado nas linhas dos exercitos, que desde logo perderão o coiffiente moral de que precisam, e d'ahi a derrota inevitável.

Hoje, como hontem, permanece verdadeira a theoria de que a victoria terá de ser procurada em uma grande batalha em que todas as forças se conjuguem na lucta contra o inimigo, o anniquilamento desse inimigo continuando a ser a condição necessaria e suficiente para obrigar-o á paz que se deseja.

Comtudo, será preciso observar que modernamente o problema é mais complexo do que outr' ora, pois que será preciso desorganizar a nação inteira adversaria, visto como, sem isso, seus exercitos se restabelecerão como a phenix das cinzas e com uma facilidade surpreendente, creando novos obstáculos a vencer mediante repetidos sacrificios.

«A partida não se joga mais n'um campo restricto de alguns kilometros, mas sobre o conjunto dos territorios», diz o general Serrigny.

E' verdade que a occupação effectiva do terreno continua a ser o meio por excellencia da victoria, o que implicará na marcha dos exercitos de terra pelo territorio adversario a dentro, n'uma extensão consideravel e tão violenta e rapida que não seja possivel o restabelecimento da ordem nas fileiras adversas.

Mas, o successo dessa marcha, dado o desenvolvimento actual da aviação, dependerá de medidas de carácter especial e terá de depender grandemente da acção das forças aereas, cuja missão será destruir préviamente a potencia económica do inimigo, unico meio de annular sua capacidade de resistencia e, portanto, permitir a marcha efficiente e a occupação do terreno.

D'ahi se inferirá quanta influencia tem de exercer a aviação nos velhos principios militares, que subsistem verdadeiros no fundo, mas modificados na forma.

A acção militar continuará a ser o meio de compellir o adversario á derrota e a victoria terá de ser procurada pela superioridade no ponto decisivo, como dizem os mestres.

Apenas, diz Serrigny, esse ponto não será sempre um mameião do campo de batalha, como em Pratzen, uma posição, como em St. Privat, mas poderá ser as usinas em que se fabricam as munições, ou as vias-ferreas, ou as esquadras que transportam os recursos humanos e materiais imprescindiveis á vida dos exercitos.

Os centros productores ou fabris e todos os pontos em que houver concentrações de material ou pessoal serão naturalmente os visados pela aviação, porque de sua destruição resultarão prejuizos sempre sensiveis para as tropas de operações.

Portanto, a organisação económica concentrada representará um perigo, sendo necessário dispersá-la para diminuir-lhe a vulnerabilidade.

Mas, nem sempre sendo possível a dispersão, visto como certas riquezas a natureza accumula apenas em determinados pontos, será preciso que para esses corresponda uma organisação defensiva especial e cujos fundamentos ainda não foram bem assentados, não obstante o apparecimento da artilharia anti-aerea.

A aviação tem de representar um papel proeminente nas futuras guerras, principalmente na offensiva, como arma de alto valôr e capaz de determinar a victoria, sendo por isso imprescindivel que as nações, principalmente as de pequeno exercito, procurem nessa arma a superioridade de que precisam.

CAP. NILO VAL.

## A prophecia da Escola Militar

*E a primeira jagulha que ateou o incêndio que devorou a monarchia*

(1889)

Em Outubro de 1889, uma esquadra da Republica do Chile visitou o Rio de Janeiro e recebeu a sua officialidade as maiores provas de carinho e cordialidade do povo brasileiro, em festas promovidas, como a do celebre baile na Ilha Fiscal, onde o movimento republicano foi surprehender D. Pedro II e seu governo.

A nossa saudosa Escola Militar da Praia Vermelha, o paradigma do civismo brasileiro, também tomou parte nestas significativas manifestações de amizade e de cordialidade sul-americana ao povo chileno, recebendo em 27 de Outubro a oficialidade do «Almirante Cochrane» numa honrosa visita.

Depois do commandante Baunnen e seus officiaes assistirem aos assaltos d'armas e percorrerem todo o edificio engalanado pelos proprios alumnos para receber-los condignamente, foi oferecido um profuso «lunch» em que tomaram parte as pessoas convidadas, o ministro da guerra, senador Cândido de Oliveira, commandante e officialidade chilena, o ministro do Chile, o commandante da Escola, generaes e outras personagens e o professor tenente-coronel Benjamim Constant, especialmente convidado por uma commissão de alumnos.

Feitas as saudações do estylo, numa se destacou Benjamim Constant, que, tomando a palavra debaixo de uma estrondosa salva de palmas e de flores, durante uma hora, com verdadeiras palavras de fogo, reduziu a cinzas os castellos do ministro da guerra, cuja physionomia trahia a impressão assustadora que recebia. Provou, com solidos argumentos, que o exercito não era indisciplinado e que a indisciplina que nos infelicitava vinha de cima. Referindo-se á questão militar tão em fóco, demonstrou o papel dos exercitos nos tempos modernos e justificou o procedimento da Escola Militar. Entre outras considerações, accusou o governo de dividir para governar e terminou recebendo outra imponente ovacão, que se prolongou por muitos minutos, como significativa approvação de tudo o que havia dito.

O ministro, sériamente impressionado, retirou-se momentos depois com todas as honras; a festa ainda se prolongou e o venerando mestre, cercado das mais vivas demonstrações de respeito e estima, ali considerado como um verdadeiro ídolo, deixou naquelle templo de civismo o cartel de desafio ao gabinete Affonso Celso, que foi a fagulha que ateou o incendio que derruiu, tão facilmente, o edificio da nossa monarchia, já tão carunchosa, no dia 15 de Novembro.

Nos dias seguintes, correu na Escola o boato de que o ministro não perdoaria

a decepção por que havia passado e que Benjamim Constant seria castigado. Impressionados, os alumnos reuniram-se e enviaram-lhe a seguinte mensagem, que continha em synthese o seguinte: «Si os miseraveis, que á frente do poder estão procedendo ao inventario da monarchia, tiverem a cusadia de em vós tocar directa ou indirectamente, ai delles, pois bem caro pagarão a sua infamia.» A Escola Superior de Guerra e a 2.<sup>a</sup> Brigada fizeram estrondosa manifestação ao querido mestre, apoiando as palavras que elle pronunciou na Escola Militar.

Entre as saudações pronunciadas naquella festa, uma outra se destacou também muito expressiva e foi a do alumno Vicente de Azevedo, entregando ao commandante Baunnen uma impressionante mensagem de congratulações que a Escola Militar enviou á sua co-irmã do Chile, onde se encontra uma verdadeira prophecia, que é um emocionante episodio, prova da cultura que alli difundia: «A Escola Militar do Rio de Janeiro confia á presente mensagem o encargo de significar á Escola Militar do Chile a gratidão de que se acha possuída pelas repetidas provas de consideração com que a vossa patria, a gloriosa Republica do Chile, tantas vezes tem distinguido e honrado o nome do Brasil.

Assim procedendo, ella interpreta o sentimento de todos os brasileiros, que se julgam felizes vendo cada vez mais se estreitarem os laços de amizade que prendem o Brasil ao Chile.

Senhores alumnos da Escola Militar do Chile!

A America neste momento dá á Europa um grande e proveitoso ensinamento!

O spectaculo que nos é dado presenciar, o de nações que na trilha do progresso se dão as mãos em protestos de amizade e impavidas caminham em busca do futuro venturoso, que as espera no scenario americano, constitue um facto surprehendente, digno dessas nações, que são o orgulho da raça latina.

Em quanto no velho continente, quae lobos famintos que nos escarpados rochedos dos Alpes e dos Balkans espreitam e disputam o viajor transviado, os Estados se entreolham desconfiados e temerosos, prestes a se despedaçarem até que um dia os mais fortes esmaguem os

mais fracos e numa conflagração tremenda um oceano de sangue invada a Europa inteira, na America um quadro bem diverso se apresenta.

No Brasil, o sol vivificador já não ilumina scenas de horrores nas quaes o suor do escravo esterilisava a terra por elle lavrada e a dignidade humana se sentia envilecida; nas margens do Prata, as idéas grandiosas do progresso fazem brotar prodigios do sólo ante os quaes o estrangeiro pára assombrado e, na beira do Pacifico, reclinada sobre o dorso dos Andes, quem haverá que não se sinta maravilhado diante da grandiosa Republica do Chile?

Entretanto, nem uma nuvem paira no horizonte, que possa de leve escurecer a estrada trilhada por essas nações americanas em incessante propredir!

Senhores representantes do bravo Exercito chileno!

Brasileiros e soldados, nos congratulamos com vosco pelo estado de prosperidade de nossas patrias e vos rogamos scientifiqueis aos vossos concidadãos, que as cadeias douradas que nos prendem ao Chile são fortes bastantes para que o tempo as possa quebrar!

Rio de Janeiro, 23 de Outubro de 1889.  
(Seguem-se as assignaturas).

MARECHAL CARLOS DE CAMPOS.

## O EXERCITO

No momento actual é bem opportuno acompanhar Carlos Wagner em suas considerações sobre o papel do soldado e do Exercito.

Carlos Wagner é um escriptor primoroso, e talvez o mais pacifista dentre os escriptores.

O que elle escreveu, no seu livro admirável «A Travers les Choses et les Hommes», bem merece ser meditado por aquelles que têm a responsabilidade dos destinos do paiz.

O Brasil é, dentre as nações da America do Sul, a menos armada, em relação á sua população e seu territorio.

Antes que chegue o dia tão almejado pelos sonhadores — do pacifismo geral — será um perigo não armal-o, porque será expô-lo ás peiores catastrophes. Ser forte é a melhor maneira de ser respeitado em seus direitos.

Uma nação está nas mesmas condições

que um individuo. A defesa nacional se impõe como a mais urgente necessidade. Não defendida, a nação mais prospira e a mais honesta cahirá um dia sob o jugo de um vizinho audaz e bem armado. Aos cidadãos compete ter bem presente a ideia do dever militar. Um exercito bem organizado é o baluarte da Patria. Nenhuma honra é comparável á de ser, nesse baluarte, uma pedra viva e firme.»

São essas verdades bem conhecidas, e cada um deve fazer o seguinte raciocínio:

«Meu paiz é o conjunto de tudo quanto eu mais amo. Eu quero que elle seja independente e prospero. Logo, é preciso que elle seja forte e esteja preparado para defender sua liberdade e seus interesses. Não sendo isso possível senão por meio de um exercito cuidadosamente instruido, eu farei parte desse exercito, com um titulo qualquer, e cumprirei meu dever no posto onde esse titulo me collocar.»

Onde quer que o cidadão seja colocado, deve trabalhar pelo engrandecimento do exercito e, portanto, da patria.

O amor do paiz é a alma da força publica.

Um exercito que emprega as suas armas em missão diversa da que lhe foi confiada perde completamente a sua cohesão.

E' obra de patriotismo dos chefes chamal-o ao cumprimento do seu estrito dever, sem diminuir-lhe a efficiencia.

Taes são as ideias de Carlos Wagner. Ellas echoam aqui como um appello aos nossos dirigentes.

O Brasil não tem sonho imperialista e a sua propria historia demonstra que jamais elle entrou em guerra, senão em defesa de sua honra e da integridade do seu territorio.

Elle não deseja a guerra e nunca a desejou, mas não sabe quaes são as disposições dos seus vizinhos. O que elle sabe, o que todos nós sabemos é que temos um exercito menor que o do Chile e da Argentina, tendo uma população oito vezes superior á da primeira e quatro á da segunda.

Não queremos ser o mais forte, para não parecer o mais ambicioso; mas não nos devemos collocar em tal grau de inferioridade que sejamos facil presa nas mãos de um vizinho audaz e mais poderoso.

CAP. JOSÉ BENTES MONTEIRO.

# Tactica geral

## Solução do tema proposto no ultimo numero

(Carta de Alegrete — 1/50.000)

Após a participação enviada ao Gen. Cmt. da D. I., o Cmt. do Det. aguarda sua resposta. O Det., em alto guarda, conserva o mesmo dispositivo de marcha, e effectua a refeição da tarde, conforme ordens previamente recebidas.

A's 16 (dezesseis) horas e 30 (trinta) minutos chega ordem do Gen. Cmt. da D. I.; analysada esta, o Cel. conclue que se trata de:

- 1.º) — marchar o mais rapidamente possível para o arroio Caverá;
- 2.º) — agir ao alvorecer do 21 (vinte e um) sobre o flanco de columnas inimigas que se retiram para E. de Alegrete.

Para execução destas missões dispõe, além de seu Det., de 3 Esqs. do 1.º R. C. D. e 1 Bia. A. M., em Pai Passo, á partir das 18 (dezoito) horas.

Vejamos como executar a missão, aproveitando no maximo o tempo e os recursos disponíveis.

Examinada a carta, verifica-se que: para atingir o Caverá, o Det. tem de effectuar uma marcha de 17 (dezessete) a 18 (dezoito) klm., aproximadamente; para agir ao alvorecer do dia seguinte sobre as columnas inimigas que se retiram pelas estradas de Rosario e Cacequy é preciso atingir, ainda neste dia, as alturas que margeiam o Caverá.

Quaes serão estas alturas?

Não resta a menor dúvida que, a região da cota 130 (S. de A. Chaves) e alturas de Martiniano se impõem, para facilidade de execução da missão, ao alvorecer de 21 (vinte e um); pois favorecem a acção immediata sobre os elementos inimigos que se retiram de Alegrete para E., e permitem a acção da Art. do Det. sobre a estrada de Cacequy, até as imediações de Telles.

Mas, são 16 (dezesseis) horas e 30 (trinta) minutos; nada sabe o Cmt. do Det. sobre o que se passa na região entre o Ibirapuitan e o Caverá; o rio Ibirapuitan e arroio Caverá constituem obstáculos sérios, que pelo menos difficultam

e retardam a marcha do Det.; e, tendo em vista a distancia, a transposição do Caverá será forçosamente executada á noite. Donde, surgem as necessidades imediatas de:

- a) — obter esclarecimentos, sobre a situação, a E. do Ibirapuitan;
- b) — executar a marcha, transpondo o Ibirapuitan antes das 19 (dezenove) horas.

Ora, para attingir Pai Passo, a columna terá que fazer um percurso de 7 (sete) klm., ou sejam 1 (uma) hora e 45 (quarenta e cinco) minutos de marcha; portanto, para atravessal-o antes das 19 (dezenove) horas, e satisfazer assim o raciocínio elaborado, o Cmt. do Det. resolve:

- 1.º) — Ordenar a marcha immediata do Det. por Pai Passo, primeiramente em direcção ás alturas de Casuarinas-G. Vieira.
- 2.º) — Ordenar ao Det. de Cav., que deverá atingir Pai Passo ás 18 (dezoito) horas, para: effectuar reconhecimentos nas direcções de Alegrete-E. Marques-A. Nunes; manter a posse das alturas ao N. e a E. de Casuarinas até a chegada dos primeiros elementos de Inf.; aproveitar todas as oportunidades para agir contra as columnas inimigas em retirada, seja pelos tiros de canhão ou de fusil, seja mesmo pela carga; effectuar reconhecimentos e balisar passagens, no Caverá nas regiões da cota 105 (3 klm. S. de Bicca) e 125 (2,5 klm. S. O. de Martiniano). A Bia. ficará a disposição do Cel. Cmt. do R. C. D., que deverá empregala contra as columnas em retirada, ou no minimo estabelecel-a em condições de agir eventualmente nas direcções de E. Marques-A. Nunes.

Em consequencia, foram dadas as seguintes ordens:

— Aos Cmfs. da V. G. e Grosso, reunidos (verbal) —

«O Det. continuará a marcha, com o mesmo dispositivo, pela pista de Pai Passo, em direcção a G. Vieira-Casuarinas; a V. G. partirá ás 16 (dezesseis) horas e 40 minutos.

Marcho, com o Cmt. da Art., na cauda da V. G.»

Ao Det. de Cav.

Det. ala dir.

N.<sup>o</sup> p.

Região S. de Sobrado —  
20 (vinte) de Maio ás  
16 (dezesseis) horas e 50  
(cincoenta) minutos

Ordem Particular

(Ao Cmt. do Det. de Cav.)

- I — O inimigo recúa sobre Alegrete, nossa D. I. deverá attingir esta tarde o Ibirapuitan, de Alegrete para o N. Aviação assignala tropas e comboios em retirada nas estradas de Rosario-Cacequy e estradas ao N.
- II — O Det. sob meu commando, marchará primeiramente para a região G. Vieira-Casuarinas, devendo transpôr o Ibirapuitan ás 18 (dezoito) horas e 30 (trinta) minutos.

III — Em consequencia:

a) — Deveis enviar, imediatamente, reconhecimentos por Casuarinas-Ponte Borges de Medeiros, em direcção a Alegrete; por G. Vieira-Bicca, em direcção a E. Marques; por Maria Trindade-Martimiano, em direcção ás alturas de A. Nunes.

Missão — Informar qual a situação do inimigo nestas regões; quaes os elementos que retiram pela estrada de Rosario; e, principalmente, si o inimigo occupa as alturas de Bicca-A. Nunes.

b) — Com o grosso da Cav. deveis — 1.<sup>o</sup> aproveitar todas as oportunidades para agir quer pelo fogo, quer pela carga contra as columnas inimigas em retirada — 2.<sup>o</sup> manter a posse das alturas ao N. e E. de Casuarinas até a chegada dos primeiros elementos de Inf. — 3.<sup>o</sup> effectuar reconhecimentos e balisar passagens no Caverá, nas regiões: da cota 105 (3 klms. S. de Bicca) e 125 (2,5 klms. a S. O. de Martimiano), afim de preparar a marcha ulterior do Det.

IV — A Bia. ficará a vossa disposição, afim de agir contra as columnas

inimigas em retirada. Sua posição para a noite de 20 (vinte), deverá ser prevista em condições de agir eventualmente nas direcções de E. Marques-A. Nunes.

V — Uma patrulha deverá ser enviada por F. Prates-Passo do Boião em ligação com a direita da D. I.. Marcho com a V. G. do Det. primeiramente para Pai Passo, onde receberei informações até ás 19 (dezenove) horas, e depois para G. Vieira.

VI — T. E. aguardarão ordens em Pai Passo, fóra da estrada.

O Cel. Cmt. do Det.

(a) — y...

Enviada por agente de ligação (official). Ao chegar a Pai Passo o Cmt. do Det. recebe as primeiras informações da Cav., bem como a mensagem lastrada lançada pelo Avião. Já começa a escurecer, a situação a E. do Caverá não se acha totalmente esclarecida, podendo-se entretanto concluir que a região da Coxa das Tuna, acha-se ocupada pelo inimigo.

As columnas inimigas acham-se em plena retirada; o cahir da noite não permite acções de cav.<sup>a</sup> e art.<sup>a</sup> contra estas columnas, ou ainda contra os elementos da R. G. inimiga estabelecidos a E. de Alegrete. Portanto, a acção do Det. só poderá se realizar no dia seguinte.

O exame da situação mostra que a acção do Det. contra Alegrete apenas oferecerá interesse secundário; o objectivo principal a atingir é o grosso do inimigo em retirada.

Por outro lado, o exame do terreno indica que: para obter grande campo visual, e por conseguinte uma acção eficaz da art.<sup>a</sup> contra as columnas inimigas em retirada, torna-se preciso orientar o Det. em direcção da grande crista A. Nunes-Geniplo. Nestas condições, torna-se ainda de importância capital atingir as alturas de A. Nunes ao amanhecer do dia 21 (vinte um).

Em consequencia, o Cmt. do Det. deverá organizar sua marcha e seu estacionamento, de maneira a satisfazer esta condição essencial para a manobra do dia seguinte; isto é, atingir ao amanhecer as alturas A. Nunes-Geniplo.

Desde que, o Det. atinja as alturas de Casuarinas, terá percorrido 25 (vinte cinco) klms.; transportando-o em seguida

para A. Nunes, terá ainda que percorrer cerca de mais 9 (nove) a 10 (dez) klms., o que acarreta esforço considerável. Donde, torna-se preferível proporcionar um descanso ao Det., e reiniciar a marcha a tempo de atingir A. Nunes ao amanhecer.

Importa, ainda, que o Det. não seja detido, durante a noite, na passagem do Caverá. Donde surge a necessidade de lançar uma V. G. para a margem N. do Caverá, afim de assegurar a passagem do grosso do Det.

Meditando sobre todas estas considerações, e verificando que o estacionamento na região Casuarinas-G. Vieira permite que o Det. atinja ao alvorecer de 21 (vinte e um) até o planalto de Geniplo, caso o grosso do inimigo se retire pelas estradas de Cacequy e ao N.; o Cmt. do Det. resolve passar a noite de 20 (vinte) para 21 (vinte e um) na região das alturas citadas, proporcionando o descanso indispensável à sua tropa, aguardando informações sobre a região de Martimiano-A. Nunes que naturalmente chegarão no correr da noite, e preparando suas ordens e disposições para atingir o planalto de Geniplo ao amanhecer de 21 (vinte e um).

De acordo com estas decisões, transmite as seguintes ordens:

Det. de ala dir.

N.º p+1

Carta de Alegrete

1/50,000

Estrada de marcha, em  
A. Cardoso — 20 (vinte)  
de Maio ás 19  
(dezenove) horas.

#### ORDEM AO DESTACAMENTO

(Estacionamento na noite de 20 para 21)

I — O inimigo mantém o Passo da Bolsa (Passo Novo), a ponte de Borges de Medeiros, e tem fusis nas margens do Caverá desde essa ponte até o banhado S. de Bicca. Posições de sua artilharia que atira para o O., foram assinaladas na coxilha das Tunas e alturas a E. de Alegrete.

II — O Det. passará a noite, em acantonamento-bivaque na região das alturas Casuarinas-G. Vieira-Maria Trindade, com V. G. ao N. do Caverá, nas alturas entre os banhados S. de Bicca e S. de A. Chaves; afim de continuar a avançar, ás

primeiras horas de 21 (vinte e um), em direção ao planalto de Geniplo.

III — O Grosso da Cav., cobrirá a passagem da V. G. para o N. do Caverá; após a substituição pelos elementos avançados da Inf., recolher-se-á ao bosque da cota 105, onde estacionará.

Um pelotão deverá ser conservado na região do Caverá, cota 95 (noventa e cinco) S.O. de Martimiano; o qual manterá a posse da passagem ahi balizada, e vigiará nas direções das alturas ao Norte.

IV — A V. G. fará a segurança frente para o N.E., com linha de resistência nas alturas entre o banhado S. de Bicca e o banhado S. de A. Chaves. A passagem balizada a N. da cota 105 (3 klms. S. de Bicca) deve ser mantida.

A Bia. A. M., em posição na região da cota 105 apoiará eventualmente os P. A.

V — Estacionamento do grosso:

P. C. do Det., G. Vieira.

G. A. M., G. Vieira.

II B. C., Casuarinas, com elementos destacados, na estrada, em direção à ponte Borges de Medeiros.

III B. C., Maria Trindade, com elementos destacados para estrada de Sta. Anna do Livramento, região da cota 150 (1 klm. E. de Maria Trindade).

T. C., com as unidades.

VI — Em caso de alerta as tropas em segurança manterão suas posições; os elementos do Grosso reunir-se-ão:

G. A. M. — na estrada G. Vieira-A. Cardoso; testa em G. Vieira.

II B. C. — na estrada G. Vieira-Casuarinas; testa na cota 140 (Casuarinas).

III B. C. — na estrada para Sant' Anna; testa no cruzamento, 1,5 klms. N. de Maria Trindade.

Cavallaria — na cota 105.

VII — Senha e contra senha (enviadas a parte).

VIII — As unidades conservarão um agente de ligação junto ao meu P. C.; devendo ahi comparecer ás

21 (vinte e uma) horas os Cmts. da Art., Cav., II e III B. C.

IX — Os T. E.<sub>1</sub> farão distribuição, a partir das 22 (vinte e duas) horas; as unidades que estacionam em Ca- em Casuarinas e aos P. A., na bifurcação de estradas ahi existentes; as unidades restantes, no cru- samento 500 ms. S. O. de G. Vieira. Findas as distribuições reunir-se-ão aos T. Er. em A. Cardoso. Os T. E.<sub>2</sub> aguardarão ordens em Pai Passo.

O Cel. Cmt. do Det.

(a) y...

Enviada pelos agentes de ligação, aos Cmts. de unidades e T. E.

Após a transmissão desta ordem, o Cmt. do Det. dirige-se para o seu P. C., afim de estudar as operações projectadas para 21 (vinte e um), e dar em consequência suas ordens.

Continuando o exame da carta, o Cel. verifica que: partindo das passagens no Caverá, balisadas ao S. de Biccas e S.O. de Martimiano, o Det. para attingir ao amanhecer de 21 (vinte e um) o planalto de Geniplo, terá que transpôr o mesmo arroio ás 4 (quatro) horas; visto ter de percorrer á noite cerca de 6 (seis) a 7 (sete) klms.; e que, a partir da estrada de Sant' Anna, o percurso por Casuarinas-A. Nunes-Geniplo tem approximadamente a mesma extensão que o percurso por Maria Trindade-Martimiano-A. Guedes-Geniplo.

Qual a direcção preferivel para a mar- cha do Det.?

As informações complementares da Cav., recebidas ás 22 (vinte e duas) ho- ras, confirmam as conclusões já obtidas quanto á situação no planalto de Bicca e alturas ao N.; e, por outro lado trazem a bôa noticia da facil transposição do Ca- verá na região S. de A. Nunes, e que pela estrada de Rosario, nesta região, ape- nás se retiravam em desordem, pequenos Dets., viaturas e homens isolados. Donde, finalmente, o Cel. pôde concluir: que:

- 1.º) — o grosso das tropas inimigas realmente retira-se pela estrada de Cacequy e campos ao N.;
- 2.º) — o Det. poderá attingir com relativa facilidade, as alturas de A. Nunes-J. O. Costa, e portanto estar ao alvorecer no planalto de Ge- niplo prompto para agir;

3.º) — torna-se conveniente, para facili- lidade, rapidez e segurança de marcha, utilizar ambos os trajectos para execução do movimento, em direcção a Geniplo.

Assim, após as conclusões acima, o Cel. decide:

- 1.º) — Transpôr, com os primeiros ele- mentos de Inf., o Caverá ás 4 (qua- tro) horas de 21 (vinte e um).
- 2.º) — Organizar duas columnas de marcha: a primeira constituída pe- los II B. C. — Cav. — I B. C. — e toda a Art., que deverá avançar por A. Nunes-J. O. Costa, em direcção a G. Mello; a segunda constituída pelo III B. C., que marchará por Maria Trindade-Martimiano-A. A. Guedes, em direcção a Geniplo.
- 3.º) — Ordenar que a Cav. marche im- mediatamente á retaguarda do II B. C., até ao clarear do dia, quando deverá ultrapassar este Btl., avan- çando em direcção ao planalto de Geniplo-alturas 155 ao N.O. de J. Adolpho, afim de aproveitar todas as oportunidades para agir contra forças inimigas que se dirijam para Telles; devendo ainda, enviar reconhe- cimentos em direcção a C.<sup>o</sup> da Arvore-estrada para Cacequy e Telles.
- 4.º) — Ordenar ao II B. C. que só avance das alturas de A. Nunes-A. Chaves em direcção ás alturas de J. O. Costa, quando o III B. C. attingir a região do planalto a E. desta ultima localidade, devendo o I B. C. marchar no eixo do III B. C., a partir de A. Nunes.
- 5.º) — Ordenar ao Cmt. da Art. que reconheça posições ao clarear do dia, na região: A. Nunes- A. Guedes, afim de que as Bias. possam agir em apoio aos Btl. que se dirigem para o planalto de Geniplo, e eventualmente possam bater Telles-estrada de Ca- cequy-C.<sup>o</sup> da Arvore-alturas imme- diatamente ao N. da estrada para Cacequy.
- 6.º) — Determinar para eixo do deslo- camento de seu P. C. a linha G. Vieira-A. Nunes-A. Guedes-Ge- niplo.
- 7.º) — Ordenar que todos os esforços deverão ser empregados para agir

de surpresa, contra o grosso das forças inimigas que se retiraram pela estrada de Cacequy e campos ao N., evitando no maximo os elementos da retaguarda inimiga.

8.º) — Ordenar que os T. C. acompanhem suas unidades; e, que os T. E. não ultrapassem a estrada para Sant' Anna, sem receber novas ordens.

Fôram estas as decisões tomadas pelo Cel. Cmt. do Det.; a redacção das ordens, ainda mais uma vez, deixo ao cuidado dos leitores, a titulo de exercicio.

CAP. FIUZA.

*Errata do ultimo numero (109) — Pag. 417, 25.ª linha:*

Onde se lê — devendo os T. E.  
Deve-se ler — devendo o 2.º escalão dos  
T. E.

## Notas sobre Historia Militar do Brasil

### Resumo da guerra do Paraguai

#### O Exercito Aliado

##### CAPITULO V

Em quanto no dominio das aguas se desenrolavam os factos descritos, o Exercito brasileiro se concentrava na barra do rio S. Francisco, na Republica Oriental do Uruguay, indo em Junho acampar ao norte do rio Dayman, na mesma república. Encorporados ahi alguns batalhões argentinos, seguiram todas as forças a 24 de Junho, para as immediações da cidade de Concordia, após transporem o rio Uruguay.

Nessa cidade argentina, Concordia, foi que se iniciou o pre�aro das levas de cidadãos que iam chegando, inteiramente bisonhos e apenas cheios do patriótico entusiasmo nascido do desejo ardente de se baterem pela Patria.

Em fins desse mesmo mez de Junho, ahi se acharam 12.500 brasileiros, 4.500 argentinos e 2.500 uruguaios, o que elevava o efectivo das tropas aliadas a 21.500 homens. Ahi se encontraram, então, o general Bartholomeu Mitre, a quem coube o commando em chefe das tropas aliadas, o general D. Venâncio Flores, chegado á frente de sua divisão de orientaes, e o bravo general Luiz Osorio, commandante das tropas brasileiras.

Iam, pois, iniciar-se as operações militares contra o exercito paraguayo.

\*\*\*

#### INVASAO DO RIO GRANDE

Como dissemos, já em Janeiro de 1865 forças paraguaias acampadas em S. Carlos, por

ordem do marechal Solano Lopez, ameaçavam invadir a então província do Rio Grande do Sul.

A invasão consumou-se.

O coronel Antonio de la Cruz Estigarribia, comandante das tropas invasoras, dividiu-as em 2 columnas: uma, de 9.000 homens e 4 bocas de fogo, penetraria no Rio Grande do Sul por São Borja, e outra, de 3.000 homens, sob o commando do major Pedro Duarte, marcharia pela margem direita do rio Uruguay, flanqueando a 1.ª e com ella em constante ligação.

Iniciada a invasão, o coronel argentino Paiva, comandante de um destacamento de cavalaria em Corrientes, atacou as avançadas paraguaias, procurando por todos os meios perturbá-las, enquanto que o coronel brasileiro Fernandes Lima, que dispunha de um contingente de guardas nacionaes sob o seu commando e que se achava no Passo das Pedras, avançava para Formigueiro, defronte de San Tomé, onde esperava que o adversario surgesse, como realmente se deu.

Percebendo os movimentos do coronel Fernandes Lima, os paraguaios contra-marcharam, dando isso occasião a que o referido coronel se illudisse, pensando que o inimigo se havia retirado definitivamente.

Regressando para o Passo das Pedras, o coronel Lima apenas deixou o 3.º batalhão de infantaria da Guarda Nacional, muito desfalcado aliás, em Formigueiro e um destacamento de 50 homens em São Borja.

O presidente da província, comprehendendo a situação, procurava assegurar a defesa da fronteira com grande empenho, chamando ás armas a Guarda Nacional para a defesa de Quaray e Missões, e confiando o commando das tropas ao general David Canabarro.

Entretanto, a mobilização e a concentração das tropas foram realizadas muito morosamente, pois que os commandantes não acreditavam na invasão e, além disso, haviam sérias desavenças entre o general David Canabarro e o barão de Jacuhy, então commandante da fronteira de Bagé.

Mas os paraguaios não haviam desistido da invasão; apenas aguardavam melhor oportunidade. E, de facto, depois de estacionarem em Tarairi, volveram repentinamente á retaguarda, rechassaram a pequena tropa do coronel Paiva, que fugiu para defronte de Itaquy, apresentaram-se a 10 de Junho, pela manhã, em San Tomé e invadiram pelo passo do Formigueiro, onde 130 soldados brasileiros apenas disputaram a passagem do invasor. Felizmente, chegou nessa occasião o 22.º corpo de cavalaria da Guarda Nacional, com 230 homens, sob o commando do coronel Tristão da Nobrega, e, reforçando as tropas dos chefes Ferreira Guimarães e Rodrigo Ramos, que ali já se batiam, conseguiu repelir o adversario, após 3 horas de luta encarniçaada.

Uma columna, porém, de 2.600 paraguaios, com 4 bocas de fogo, sob o commando do major Lopez e capitão Alvarenga, apresentou-se em seguida e os brasileiros foram forçados á retirada, muito embora combatendo heroicamente.

De Porto Alegre marchava o 1.º batalhão de voluntários, sob o commando do coronel

## CONSIDERAÇÕES

**ALLIADOS** — Os brasileiros, avisados como estavam da proxima invasão do Rio Grande do Sul por São Borja, commetteram o grave erro de deixarem esse ponto entregue a si mesmo, graças ao que pôde o invasor occupal-o e saqueá-lo, marchando depois para Uruguayan. Podendo ainda deterem o avanço dos paraguayos na passagem do rio Ibicuhy, linha de defesa natural que se impunha, nada fizeram nesse sentido, deixando ainda o invasor transpôr livremente o Toro-passo, construindo até uma ponte nas barbas da columna brasileira que o vigiava do lado opposto do rio.

Em qualquer dessas duas passagens, seria facil deter e até mesmo derrotar o adversario, como tanto desejará o general Caldwell. Se tal não aconteceu, a culpa cabe inteira ao general Canabarro, que assim permitiu que o coronel Estigarribia attingisse seu objectivo, a cidade de Uruguayan, onde mais tarde tiveram os aliados de sital-o com grandes e penosos sacrifícios.

A unica providencia acertada do general Canabarro foi a ordem ao então 1.<sup>o</sup> tenente Floriano Peixoto, para perturbar a ligação das duas columnas invasoras, providencia que avultou de valôr graças ao denodo e à intelligencia desse official.

E' provavel que o general Canabarro desejasse deixar o adversario penetrar primeiramente em Uruguayan para depois batê-lo, cortando-lhe a retirada, mas esse plano não oferecia vantagens, pois ia permitir que elle se abastecesse fartamente em um centro relativamente rico e cuja população seria lamentavelmente sacrificada, como o foi.

Quanto á expedição que os aliados enviaram contra a columna do chefe Duarte, que então operava na margem direita do rio Uruguay, de harmonia com o coronel Estigarribia, foi uma operação acertada e intelligente.

O general Venâncio Flores, della incumbido, desempenhou-a com criterio, derrotando o adversario no combate de Jatahy, como veremos.

**PARAGUAYOS** — Os paraguayos, esquecidos de que dividir as forças corresponde a enfraquecer-se, marcharam em duas columnas com um objectivo que não correspondia ao sacrificio a fazer, quando poderiam ter invadido, se o quisessem, com todas as tropas disponiveis, unico caso em que poderiam esperar algum successo positivo.

Deixando essas duas columnas isoladas do grosso das tropas, concorreram elles para a derrota inevitável de ambas, privando-se o dictador Lopez assim do concurso de um efectivo apreciavel e cuja perda foi incontestavelmente um desastre não pequeno.

E' bem verdade que o dictador paraguayo contava com o auxilio dos correntinos e supunha, além disso, conseguir a sublevação dos escravos brasileiros, mas tales esperanças, alias sedutoras, jamais deveriam ser erigidas em base para firmar a conducta de um general criterioso.

## COMBATE DE MBUTUHY

Depois da invasão e saque de São Borja, o exercito paraguayo marchou, a 19 de Junho, para a villa de Itaqui, dividido em varias columnas, como dissemos.

Um destacamento de 500 homens foi encarregado de arrebanhar o gado existente nos arredores de São Borja e este destacamento regressou áquelle ponto a 21, não mais encontrando o seu exercito.

A' vista disso, o destacamento, que era comandado pelo major José Lopez, avançou ao encontro do coronel Estigarribia, tomando, porém, por outra estrada.

A 25, o tenente-coronel Manoel Coelho de Souza, commandante do 28.<sup>o</sup> provvisorio, á frente de 100 homens, entrava no rincão da Cruz, conduzindo 20.000 cavallos, quando soube da approximação do destacamento inimigo, o que foi confirmado por um official mandado em reconhecimento.

A 1.<sup>a</sup> brigada estava acampada desde 23 na estancia denominada do Padre, ignorando que se achava entre duas columnas inimigas, a do coronel Estigarribia e a do major Lopez, de modo que o tenente-coronel Coelho mandou avisar ao coronel Fernandes Lima e tratou de retirar-se.

O coronel Lima imediatamente avançou em direcção ás Tres Figueiras, onde supunha a vanguarda paraguaya, em vista do aviso, tomando disposições para combate e aguardando a chegada da 4.<sup>a</sup> brigada, commandada pelo tenente-coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita, que já havia passado ao norte do rio Ibicuhy e para alli se dirigia.

Entretanto, não aparecendo o inimigo até o dia 26, o coronel Lima resolveu retroceder com a 1.<sup>a</sup> brigada ao seu acampamento, iniciando a marcha á meia-noite e fazendo um alto pouco adeante.

Mandando, porém, o major José Ferreira de Souza Docca, á frente dos clavineiros do 22.<sup>o</sup>, fazer um reconhecimento do inimigo, ouvio pouco depois cerrada fuzilaria.

Avançando ao almanhecer, a 1.<sup>a</sup> brigada encontrou o adversario num campo, nas vertentes de uma coxilha, com a frente protegida por um banhado, a retaguarda por espessa matta e a esquerda voltada para uma baixada.

Compunha-se a 1.<sup>a</sup> brigada dos corpos 10.<sup>o</sup>, 11.<sup>o</sup>, 22.<sup>o</sup>, 23.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup>; e a 4.<sup>a</sup> brigada, que chegou pouco depois, dos corpos 19.<sup>o</sup> e 26.<sup>o</sup>, e do batalhão de infantaria da Guarda Nacional, de S. Borja. Ao todo, 2.120 homens.

Logo que a 1.<sup>a</sup> brigada chegou, os paraguayos se estenderam em linha ao longo do banhado, com a cavallaria á direita.

O coronel Lima ordenou que o 23.<sup>o</sup> e os clavineiros do 22.<sup>o</sup> atacassem a direita inimiga; que o corpo 11.<sup>o</sup> atacasse o centro; que o 10.<sup>o</sup> atacasse a esquerda; que o 5.<sup>o</sup> e o 22.<sup>o</sup> se conservassem como reserva.

Dado o signal de ataque, as tropas carregaram impetuosaamente.

O 23.<sup>o</sup> e os clavineiros do 22.<sup>o</sup>, respectivamente commandados pelo tenente-coronel Feliciano Prestes e major Souza Docca, romperam a direita do inimigo e anniquilaram quasi totalmente a cavallaria paraguaya. O 10.<sup>o</sup>, commandado pelo tenente-coronel José da Luz Cunha, rompeu a esquerda do adversario, colocando-se á sua retaguarda. Os demais corpos travaram uma peleja encarniçada durante 1 hora, depois do que começaram a retirar, combatendo sempre, até que, chegando a 4.<sup>a</sup> brigada, foi renovada a offensiva, desta vez pelas duas bri-

gadas, o que obrigou os paraguaios a fugirem pelo meio do banhado, onde foram muitos delles mortos pelos brasileiros que os perseguiam durante algum tempo.

Nesse combate, os brasileiros tiveram 29 mortos, entre os quaes os tenentes Israel da Silva Moraes e Leandro Rodrigues Fortes, e 86 feridos, entre os quaes o tenente-coronel Tristão de Azevedo Nobrega, commandante do 22º, capitães Gaspar Xavier Pereira, do 5º, João Antonio Freitas de Oliveira, do 23º, Manoel José Soares, do 26º, alferes Manoel dos Santos Pedroso, do 3º da Guarda Nacional, e José Felix de Oliveira Barreto, do 26º.

Os paraguaios perderam 130 homens no combate e uns 100 nos banhados e mattos, além de 2 bandeiras e muito armamento.

\*\*\*

### CONSIDERAÇÕES

O combate de Mbutuhy foi uma operação realisada com a costumada bravura de parte a parte, mas sem arte alguma, pois que se desdobrou em uma série de ataques frontaes, sem objectivos bem definidos. Os paraguaios deixaram os flancos desapoiados e os brasileiros, nem mesmo disporão de uma reserva, como dispunham, souberam manobrar com oportunidade. Comtudo, foi mais uma victoria brasileira, conseguida á custa do grande devotamento sempre demonstrado pelas tropas.

(Continua)

CAP. NILO VAL.

### Capm. E. Leitão de Carvalho

Em consequencia de achar-se encarregado de importantes trabalhos, ficando assim privado da precisa folga, deixou a chefia da redacção d'*A Defesa* o capitão Estevam Leitão de Carvalho, um dos seus fundadores e dos seus mais preciosos esteios, sendo substituído pelo capitão Nilo Val, eleito em sessão de 11 do corrente.

Os serviços prestados pelo capitão Leitão de Carvalho á nossa revista não têm conta e *A Defesa* continuará a tel-os, não obstante o seu afastamento da gestão directa dos seus destinos.

Entrou para a redacção d'*A Defesa* o capitão Francisco José Pinto e foram eleitos membros do Grupo Mantenedor, em sessão de 11 do corrente, o major Arnaldo de Souza Paes de Andrade e os capitães Arthur Joaquim Pamphiro, Francisco Pereira da Silva Fonseca, Carlos Carvalho de Abreu e João Pereira de Oliveira.

### FACTOS & NOTAS

#### O ESPORÇO FRANCEZ DA GUERRA DE 1914-18 QUANTO AO FÁRICO DO MATERIAL DE GUERRA.

*Fuzis* — A França iniciou a guerra com uma notável deficiencia de fuzis, deficiencia que sobremodo se agravou com as perdas colossais dos primeiros meses de campanha.

Nove meses, porém, depois de iniciada a guerra, as fabricas produziam 46.000 fuzis mensalmente, cifra que se elevou a 101.511 em Julho de 1916, baixando dahi por deante a 70.000, quantidade considerada suficiente.

*Metralhadoras* — O exercito francez dispunha de umas 5.000, ao passo que o alemão dispunha de 12.000 no começo da guerra. Em Janeiro de 1915, a produção francesa attingiu a 300 e em Janeiro de 1917 ao maximo de 2.352 mensalmente.

*Fuzis-metralhadoras* — A fabricação foi iniciada em Outubro de 1915, produzindo-se durante toda a guerra 225.000.

*Autos-metralhadoras e autos-canhões* — No inicio da guerra, os franceses não dispunham dessas armas, ao passo que os alemães tinham 1.000.

Durante a guerra, porém, a França fabricou 17 grupos, comprehendendo cada um 6 autos-canhões de 37 mm. e 14 autos-metralhadoras.

*Munições de infantaria* — Quando se declarou a guerra, o stock se elevava a 1.338 milhões de cartuchos, prevendo-se uma produção annual de 2.600.000 cartuchos. Entretanto, só no mez de Janeiro de 1915, foram gastos 130 milhões de cartuchos, cifra que foi diminuindo em seguida.

Em Janeiro de 1917, se fabricavam 7 milhões de cartuchos por dia e em Junho de 1918 o exercito francez possuía um stock de 2.129 milhões.

*Artilharia* — No começo da guerra, o C. E. francez dispunha de 120 canhões de 75 mm. o C. E. alemão, de 108 canhões de 77 mm. 36 obuseiros de 105 e 16 de 150, em um total de 160 bocas de fogo.

O plano de mobilização francez não cogitava de fabricação durante a guerra. Como artilharia de exercito, a França apenas tinha 10 canhões de 155 curtos (Rimailho), a Alemanha tendo 360 de 10 cm., e 128 morteiros de 21 cm.

Das 4.044 peças do começo da guerra, 1.66 tinham sido perdidas até 15 de Maio de 1915, uma grande proporção arrebentadas, e até fim da guerra se perderam 16.700 canhões. Fabricaram-se, entretanto, 17.739 canhões completos e repararam-se 14.551, os Estados Unidos tendo auxiliado com 11.000 tubos e 2.500 reforços de culatra.

*Artilharia pesada* — Durante a guerra, fabricaram os franceses 1.342 canhões de 105.

Em 1 de Abril de 1918, os franceses tinham no front 65.152 peças de 75, 600 de 15.600 de 155 C, 700 de 155 L, 172 de M 2, e mais ou menos 500 peças de artilharia de grande potencia sobre via-ferrea.

*Projectis de artilharia* — O canhão de 75 dispunha, ao declarar-se a guerra, de uma reserva de 1.034 tiros por peça. Segundo o plano de mobilização, a partir do 61.º dia de mobilização, a fabricação, deveria ser de 13.600 projectis diários, mas a 16 de Setembro de 1914 o generalíssimo reclamava 70.000 projectis diários, só em Junho de 1915 se conseguindo 74.938.

O maximo foi attingido em Maio de 1917: 261.000 projectis de 75, dos quaes 235.000 carregados, por dia.

*Pólvora e explosivos* — A França não dispunha de fábricas para isso, sendo preciso improvisar máquinas no inicio de guerra. Com tudo, aproveitando as usinas existentes, chegou-se a produzir:

Em Janeiro de 1915 — 47 toneladas diárias; em Janeiro de 1916 — 333; em Janeiro de 1917 — 773.

*Gazes asphyxiantes* — Em Janeiro de 1917, se haviam fornecido aos exercitos 7.700.000 máscaras contra gases, ficando em reserva 1.400.000. Na mesma data, o stock de gases era de 600.000 kgs. (7.700 garrafas de 33 litros e 10.000 de 22), estando á disposição das tropas: 13.772 bombas de 58; 1.120.642 cartuchos de 75; 108.177 projectis de 120 e 200.385 de 155.

*Máquinas de trincheiras* — No dia do armistício, o exercito francês dispunha de:

4.720 canhões de 58 n. 2, com provisão de 4 1/2 milhões de projectis; 1.700 pequenos morteiros de 75, que empregavam os projectis de 75; 1.500 morteiros de 150, com 200.000 projectis; 400 morteiros de 240; 600 morteiros Van Deuren, com 450.000 projectis; vários morteiros de 340, com bombas de 200 kgs. carregadas com 95 kgs. de explosivo; 2.000 morteiros Archer; 3.000 Stockes; 3.000 morteiros especiais para projectis de yperita; 2.978 canhões de acompanhamento; 2.637 para carros de assalto. Fabricaram-se durante a guerra 150 milhões de granadas.

*Carros de assalto* — Em consequencia de experiências realizadas, mandaram-se fazer 400 tanks Creusot e 400 pelas usinas de Saint-Chamond.

Verificando-se a conveniencia de um armamento mais leve, foram encomendados á casa Renault 4.000 tanks mais leves, mais velozes, los quaes 2.297 estavam entregues na data do armistício.

*Aeronautica* — O exercito francês possuía 138 aviões. Com a guerra, as despesas com esses aparelhos subiram de 4.100.000 francos em agosto de 1914 a 196.000.000 mensais no fim da guerra.

Havia no front:

Em Janeiro de 1918 . . .	2.448 aviões
" Abril . . . . .	2.481
" Setembro . . . . .	2.630 "

As usinas francesas forneceram varias centenas de aviões aos seus aliados.

Por occasião do armistício, os ingleses tinham n serviço 400 aviões de C. E. e 550 de caça e bombardeio.

A Italia fabricou em 1917 3.872 aviões e 669 motores, tendo um poderoso avião de bombardeio, o Sia, que podia transportar uma

carga util de 1.000 kgs., velocidade de 215 kms., raio de accão 500 km., força ascensional de 4.000 ms. em 30 minutos.

Parece que por occasião do armistício os allemaes apenas podiam oppôr 2.500 aviões aos 4.300 aliados.

*Ferro-carris* — Para as vias normaes apenas se fabricaram 55 locomotivas novas e 400 carros, transformando-se mais de 1950 para o transporte do material bellico.

Quanto ao material de 0,60 m., as usinas preparam 527 locomotivas, 14.326 carros e 6.229 kms. de trilhos.

*Automobilismo* — O serviço de automoveis foi de importancia excepcional durante a guerra.

A usina Fiat, em Turim, entregava em Abril de 1916 uns 64 caminhões grandes por dia; para as necessidades de Verdun, 4.000 automóveis circularam diariamente pela estrada Bar-le-Duc-Verdun.

#### A INSTRUÇÃO MILITAR NA ITALIA

A instrução militar é o problema que mais preocupa o alto commando italiano. A organização das escolas (Dec. de 20 de Abril de 1920), é a seguinte:

1.º — *Collegios militares* — para prepararem os candidatos ás escolas de recrutamento de officiaes e officiaes de reserva;

2.º — *Escolas de recrutamento* — para o preparo de officiaes da activa e da reserva;

3.º — *Escolas de applicação* — para o complemento da instrução das escolas de recrutamento;

4.º — *Escolas centraes* — para o aperfeiçoamento da instrução prática dos officiaes quanto ao emprego tactico e tecnico dos meios de que dispõem suas respectivas armas, isoladas ou em cooperação com as demais;

5.º — *Um curso superior tecnico de artilharia* — composto de um conjunto de cursos especiais destinados a elevar o nível de cultura técnica dos officiaes de artilharia e a preparação, para os serviços technicos;

6.º — *Escolas superiores de cultura militar* — para elevar o grau de cultura profissional dos officiaes superiores;

7.º — *Escola central de educação physica* — para preparar instructores de educação physica.

*ACTIVIDADE INDUSTRIAL ALLEMÃ* — Durante o anno de 1921, entraram na Alemanha os seguintes produtos mineraes, constituindo matéria prima para suas industrias:

10.371	toneladas de minério de chromio;
27.763	" " Wolfram;
108.311	" " minério de cobre;
3.067	" " " " nickel;
28.850	" " " " zinco;
4.336	" " " " estanho.

*CICLO DE INFORMAÇÃO PARA GENERAIS E CORONEIS (França)* — Uma circular recente determina que os officiaes que devem seguir o ciclo de informação, indispensável para a promoção, se dividam em 3 categorias:

A 1.ª categoria ou grupo é constituída pelos generais de brigada e coroneis já indicados para seguirem em 1923 o *curso dos altos estu-*

*dos militares*, em numero de 30, mais ou menos (duração do curso 10 meses);

A 2.<sup>a</sup> categoria é constituída pelos generais de brigada e coronéis, não indicados para seguirem o *curso dos altos estudos* no mesmo anno e que o *solicitem*, podendo o numero delles ser de 40;

A 3.<sup>a</sup> categoria é constituída pelos generais que commandam corpos de exercito ou divisão e que, a pedido, queiram assistir a todo ou parte do ciclo.

Os officiaes que desejem tomar parte nos estagios e exercícios deverão requerer até 22 de Agosto.

Os officiaes da 1.<sup>a</sup> categoria fazem um estagio no «Centro de estudos táticos de artilharia» e outro nos «Centros de estudos e escolas de Versailles, Joinville e Fontainebleau», cuja duração é de 2 meses.

Os da 2.<sup>a</sup> categoria têm um estagio em Bitche, de 11 a 16 de Setembro, e assistem aos tiros de demonstração da 3.<sup>a</sup> série de Metz e outro nos «Centros de estudos e escolas de Versailles, Joinville e Fontainebleau» durante os meses de Outubro, Novembro e Dezembro, substituindo para isso 2 turmas.

Os da 3.<sup>a</sup> categoria alternam com os da 2.<sup>a</sup> nos estagios das escolas e seguem o «Curso dos altos estudos militares» de 30 de Novembro a 6 de Dezembro.

**OFFICIAES DE COMPLEMENTO (França)**  
— Attendendo a que não basta ter officiaes de complemento numerosos, mas sim que sejam instruidos e que o numero se obtém dando vantagens e a instrução se consegue recrutando entre os alunos das escolas e os sargentos da activa com um certo tempo de serviço, a lei de 29 de Junho de 1922 estabelece que os officiaes de complemento provêm:

1.<sup>o</sup> — dos officiaes da activa, licenciados ou na reserva; 2.<sup>o</sup> — dos sargentos com mais de 5 annos de serviço; 3.<sup>o</sup> — dos candidatos a officiaes da reserva admitidos em escolas especiais; 4.<sup>o</sup> — dos alunos das escolas superiores e lycées que hajam feito o curso de preparação militar superior.

Os candidatos a officiaes de reserva fazem um exame durante os seus 6 primeiros meses de serviço, depois servem mais 6 meses na fileira, outros 6 meses na Escola de officiaes de reserva e, por fim, mais 6 meses como officiaes ou sargentos, segundo o curso feito. Os alunos das escolas superiores, tendo feito o exame de preparação militar superior, entram logo nas escolas de officiaes de reserva, fazendo depois 6 meses de serviço como aspirantes e 1 anno como officiaes.

Essas exigências resultam da prática adquirida na ultima guerra, em que ficou provado que não se improvisam officiaes.

#### AEROPLANOS SEM MOTOR

O primeiro congresso experimental de aviação sem motor, organizado pela Associação Franceza Aerea, com a colaboração do Aero Club de Aubergue, realizou-se sem corresponder aos resultados esperados.

Concorreram mais de 50 apparelhos, todos franceses, construídos especialmente para o cer-

tamen, mas nenhum conseguiu permanecer nos ares mais de 20 segundos.

Os technicos franceses se preocupam agora com os aviões de pequenos motores — 5 a 10 cavalos.

#### GAZES ASPHYXIANTES

O exercito norte-americano dispõe de um corpo de especialistas em matéria de guerra com gizes, denominado «Chemical Warfare Corps» e que dispõe de grandes instalações em Edgerwood, talvez sendo as maiores fabricas do mundo.

Esse corpo constitue uma verdadeira arma, como a artilharia.

O cloro, obtido do sal commum, forma a base de todos os gizes toxicos, excepto da lewisita, o mais terrível toxico conhecido.

#### MUNIÇÃO INOFFENSIVA

O Departamento do Material de Guerra dos Estados Unidos terminou as experiências relativas a uma espécie de munição que se poderá denominar «inoffensiva», tendo por objectivo permitir os exercícios de fogo como se se tratasse do caso real, sem perigo para as tropas.

#### O «DIA DE FOGO» E A «UNIDADE DE FOGO»

A instrução francesa de 31 de Outubro de 1917 sobre a «ação offensiva das grandes unidades» estabeleceu com o carácter regulamentar a denominação de «dia de fogo» na artilharia como sendo o consumo médio de munições previsto para cada peça em uma determinada operação de guerra de alguns dias, abrangendo a preparação e a execução.

A «Instrução provisória do serviço de campanha da artilharia», de 15 de Junho de 1919, manteve a mesma noção, fixando para o dia de fogo os seguintes números:

Artilharia ligeira	75	300 tiros
" pesada	105	150 "
"	145-155	120 "
"	155 L. S.	120 "
"	155 G. P. F.	120 "
"	155 C.	150 "
"	220	100 "
"	240	60 "
"	280	60 "
"	305	30 "
"	340	20 "
Morteiro	370	50 "
Obuseiro	370	40 "

Entretanto, uma circular recente substituiu a denominação de *dia de fogo* pela de *unidade de fogo*.

Em virtude da nova classificação, os valores correspondentes à *unidade de fogo* são os seguintes:

150 morteiro de trincheira (M.F.)	1917	15 tiros
240 L. T.		5 "
65 M. (peça de montanha)		150 "
75 (peça ligeira de campanha)		200 "
105 (peça)		100 "
120 L. (peça)		100 "
155 (obuz Schneider)		75 "
155 L. 18 (peça)		75 "
155 L. 17 (peça)		100 "
155 G. P. F.		100 "
145		100 "

194 (peça) caterpillar .....	50 "
220 (morteiro) .....	60 "
220 L. (peça) .....	50 "
240 (reparo St. Chamond) .....	10 "
340 (obuz) .....	5 "
370 { " } .....	3 "
400 { " } .....	10 "
280 (peça) .....	10 "
240 (peça para as colonias) .....	10 "

### NOVO PROGRAMMÁ DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA DA FRANÇA

Acabam de ser introduzidas algumas alterações nas instruções reguladoras do concurso de admissão em 1923, bem como nos programas de exame.

— Na *topographia*, os candidatos têm de demonstrar na prova, à vista de um fragmento de carta de 1/50.000, os caracteres gerais do terreno, que deverão representar empregando curvas distanciadas de 10 m., dispondo para isso de um fragmento (0m,07 × 0m,10) planimétrico na escala de 1/20.000, contendo um determinado número de cotas. Essa prova foi simplificada em relação ao que se pedia antes de 1914 e o tempo foi aumentado (3 horas, em vez de 2).

— O programa de *história militar* passou a ter maior coeficiente de importância (7, em vez de 5). Não se limita agora ao estudo sumário das campanhas, mas exige o estudo tático de algumas campanhas, de modo a poder-se fixar a evolução da arte da guerra nessas campanhas. O programa para 1924, inspirando-se nessas ideias, exige o estudo das batalhas de Leuthen e Auerstadt, da marcha sobre Bruxelas e batalha de Waterloo, bem como o estudo detalhado da batalha de Lião Yang, da marcha de Bonaparte contra Alvini e das batalhas de Arcole e Rívoli, estudo detalhado da batalha de Magenta, das operações em Maryland em 1863 e batalha de Gettysburg, estudo das campanhas do Loire e da batalha de Culmiers.

### NOVA ESCOLA

(Inglaterra) — No Exército inglez acaba de ser criada uma nova escola, tendo por fim evitar a promoção dos maiores e tenentes-coroneis sem que hajam cursado essa escola com aproveitamento.

Esse curso tem por fim:

1º — que se conheçam perfeitamente os princípios táticos e se saiba apreciar os de maneira que se estabeleça a unidade de método em sua aplicação em todo o Exército;

2º — Dar aos oficiais de todas as armas ocasião de realizarem uma troca de impressões acerca do emprego e administração das unidades nas diversas armas;

3º — Dar aos maiores de todas as armas conhecimentos táticos superiores aos que podem adquirir nas unidades de seu comando;

4º — Permitir que se possa aferir a aptidão dos oficiais para o comando das tropas.

O curso será especialmente prático e durará por enquanto apenas 3 meses.

### EXERCITO DA POLONIA

O serviço militar é pessoal e obrigatório, prestando-se 2 anos de serviço activo, 9 na reserva, 9 na «dandwehrs» e 22 na «landsturm», ou seja um total de 42 anos de serviço.

O Exército da Polónia comprehende 21 divisões activas de infantaria e 4 de reserva, 9 brigadas de cavalaria e algumas independentes de infantaria.

As divisões são formadas por 2 brigadas de infantaria (de 2 regimentos), 2 esquadões de cavalaria, 1 brigada de artilharia, 1 batalhão de engenharia, 1 esquadrilha de aviação, 1 destacamento de ligação e diversos serviços.

A B.C. é formada por 3 regimentos de cavalaria, 1 G.A.C., 1 destacamento de telephonistas e serviços correspondentes.

### NOVO AEROPLANO

As usinas Zeppelin construiram recentemente um grande monoplano metálico, o «Staaken», com uma potência motriz de 1.000 H.P.

Suas características são:

Envergadura — 31 m.

Comprimento total — 16,50 m.

Número de motores — 4

Potência total — 1000 H.P.

Superfície da sustentação — 106 m<sup>2</sup>.

Peso, sem carga — 6 tons.

com » — 8,5 »

Número de passageiros — 12

Velocidade — 210 km. por hora.

A entrada dos passageiros é pela frente. Atrás da câmara se encontram o W.C. e o lavatorio, o compartimento para a correspondência, o das bagagens e, por fim, a estação radiotelegráfica. Os motores são situados em 4 barquinhas collocadas nas azas, e na parte média das azas há um corredor que permite passar do corpo do avião para o compartimento dos motores.

### NOVO AVIÃO

O novo avião metálico norte-americano «Larsen» é completamente blindado e armado com 30 metralhadoras «Thompson», destinadas a atirar contra as tropas de terra.

O avião pode disparar 45.000 tiros por minuto; tem um motor de 400 H.P. e pode percorrer 220 kms. por hora, o que lhe permite cobrir com 3.000 projectis, em 6 segundos, uma faixa de terreno de 400 m. por 10 m.

Destina-se esse apparelho especialmente a proteger a mobilização e deter os contra-ataques.

### PILOTO AUTOMATICO

O «piloto automático» é um estabilizador composto de dois apparelhos distintos, um dos quais serve para o controle dos «aibrons» e o outro para o controle do leme de profundidade. Pode entrar em ação e ser immobilizado à vontade do piloto e pesa 40 a 45 kgs.

Esse estabilizador prestará grandes serviços durante os vôos através de nuvens ou da neblina, bem como durante a noite. Permite ao piloto descançar durante os vôos com má tempo e durante os vôos prolongados.

Experimentado em um avião que com elle funcionou de Paris a Amsterdam, realizou o serviço perfeitamente durante 6 das 8 horas de vôo.

### O EXERCITO ALLEMAO

Composição de uma bateria de artilharia de campanha em pé de guerra. — Segundo o novo regulamento para a instrução das tropas de artilharia de campanha, a bateria alemã tem no pé de guerra:

1) — *Bateria de combate*, constituída por:

a) Pelotão de reconhecimento, comprendendo: 1 oficial observador; 2 homens montados, levando um goniômetro; 2 telefonistas montados; 4 guias de ligação.

b) A esquadra de transmissões, comprendendo: 1 viatura-observatório e 1 viatura telefónica ligeira.

c) A linha de peças, comprendendo: 4 peças e 1 guia de ligação.

d) O 1.º escalão de munições com 4 carros e 1 guia de ligação.

e) O 2.º escalão de munições, tendo idêntica composição ao 1.º escalão.

f) O trem de combate, tendo 1 carro de bateria, 1 cosinha de campanha e 1 cavalo de reserva.

2) — *O escalão de viveres*, comprendendo 2 carros de torragens e 1 carro de viveres.

3) — *O escalão de bagagens*, comprendendo: o 2.º carro de bateria, 2 carros de bagagens, 1 forja, 1 carro de ferramentas e 1 viatura suplementar.

*Composição de uma companhia de infantaria.*

— A companhia de infantaria é dividida em 3 pelotões. O 1.º tem: 2 grupos de fuzileiros, 2 grupos de metralhadoras pesadas e 1 grupo de transmissão.

Os 2.º e 3.º pelotões têm cada um: 3 grupos de fuzileiros e 2 grupos de metralhadoras ligeiras.

Cada grupo comprehende 1 sargento e 8 soldados.

O grupo de transmissão tem mais outro sargento.

Os 3 pelotões são commandados por 2 tenentes e 1 oberfeldwebel. Cada pelotão tem ainda 1 feldwebel.

— As 3 viaturas de combate (1 por pelotão) seguem imediatamente a companhia. As cosinhas rodadas de companhia vão na retaguarda dos batalhões respectivos, ou mesmo na retaguarda do regimento; o carro de bagagens e o carro de viveres vão na cauda do regimento.

*Composição de uma companhia de metralhadoras norte-americana* — Esta unidade é constituída por: 1 E. M.; 3 secções de metralhadoras; 1 secção de metralhadoras de acompanhamento. O E. M., comprehende: o commandante da companhia e o pessoal de transmissão. A secção comprehende 3 peças (côfres a cavalos). A secção de acompanhamento é constituída por um pessoal escorlhido e constitue uma reserva à disposição do commandante do batalhão ou do regimento. O pessoal todo vai montado, em cavalos ou em carros.

*Composição de uma companhia de minenwerfer.*

— Esta unidade é dividida em: 1 secção de observação; 3 secções de minenwerfer ligeiras a 3 peças; 1 secção de minenwerfer médias a 3 peças. A secção de observação comprehende um grupo de transmissão e um grupo de referência, disposta de um carro-observatório.

**IDÉAS QUE OS AMERICANOS TROUXERAM DA GUERRA**

**SOBRE O EMPREGO DA INFANTARIA**

Na escola de infantaria, estabelecida no campo

de Benning (Georgia) foi publicado um folheto para uso da mesma escola, contendo as doutrinas táticas que a recente guerra permitiu formular e que devem servir de norma para a instrução da infantaria.

Julgamos de grande interesse fazê-las conhecer e por isso vamos resumilas.

— «A guerra recente mais uma vez veio demonstrar que só a offensiva pôde dar resultados decisivos, e que o poder offensivo de um exercito se avalia pela força de vontade e pela capacidade combativa da sua infantaria. Daqui resulta a necessidade de ter uma infantaria possuída do desejo de atacar o inimigo.

— Ainda que os aperfeiçoamentos do armamento tenham introduzido modificações na tática, com tudo o elemento humano será sempre o factor mais importante, e a vitória será resultante mais do homem do que do armamento.

Se na passada guerra a luta se reduziu principalmente á ruptura de posições defensivas antecipada e systematicamente organizadas, não se deverá concluir que se procederá da mesma forma numa futura guerra.

Se o exercito americano de outubro de 1918 tivesse de combater com o exercito alemão de 1914, divisão contra divisão, seria muito provável, declararam os americanos, que pela «falta de disciplina, pela falta de instrução dos chefes e pelo baixo nível médio intelectual da nossa infantaria, fizessemos assistido a um desastre». E, qualquer que fosse a perfeição das outras armas e serviços, e a organização industrial e financeira em vista da guerra, o resultado seria o mesmo. Os officiais bem informados sabem em que condições estava o nosso exercito, condições resultantes da pouca importância que se ligava á infantaria. E' um dever dos officiaes de todas as armas e serviços expôr lealmente as lições da guerra relativamente á infantaria.»

— Sob o ponto de vista tático, a comissão americana declara:

«E' a infantaria, e só ella, que pôde resolver favoravelmente um ataque ou uma defesa. O poder offensivo de um exercito avalia-se pela força de vontade e pela capacidade de ataque da sua infantaria.

O exercito, cuja infantaria é fraca numericamente, toma uma atitude passiva, e a sua derrota é certa.

Toda vez que tropas de outras armas (caballeria e engenharia) têm atacado, ou se têm defendido, têm empregado o armamento e a tática de infantaria; isto é, têm actuado como infantaria.

E' certo que a infantaria tem necessidade do auxilio efficaz dos tanks, da artilharia e dos aviões; mas uma boa infantaria, ainda que medianamente apoiada, pôde ainda ganhar batalhas, enquanto que uma má infantaria, ainda que bem apoiada, não tem probabilidade de vencer, a não ser que a infantaria inimiga também seja má, ou esteja desmoralizada.

— A força de uma boa infantaria gasta-se hoje rapidamente; mas a de uma má infantaria desaparece com uma rapidez alarmante, pois

às perdas devidas á batalha se tem de juntar as fortes perdas devidas á indisciplina, á desorganização e á ignorância. Num ataque, uma divisão, cuja infantaria é boa, oppõe-se com vantagem a 3 divisões, que tenham uma infantaria má.»

— A Comissão afirma que estas lições são fundamentadas em factos, que por melindre não são especificados.

— Todas as unidades, desde a brigada até ao pelotão, são verdadeiros agrupamentos de combate, comprehendendo sub-unidades armadas de espingardas, ás quaes se reunem sub-unidades especiaes, que constituem reforço de fogo (metralhadoras, tanks, minenwerfer e peças de 37m/m). Desta forma, o campo de accão dos officiaes de infantaria aumentou consideravelmente, e a sua instrução tem de ser mais desenvolvida, abrangendo a technica e a tactica de varias armas, a organização e emprego do serviço dos estados maiores de infantaria, a organização e emprego dos diversos meios de comunicação. o uso dos variados meios de transporte, a co-operation intima com os tanks, com a artilharia e com a aviação, etc. Taes conhecimentos e preparação só a podem ter os quadros permanentes.

— A referida Comissão julga do seu dever apontar os principaes erros que deram lugar a que a infantaria americana não estivesse á altura das exigencias da guerra moderna. Esses erros foram:

a) Ter havido a opinião geral de que a infantaria poderia rapidamente ser instruída, e que os seus officiaes e sargentos podiam ser provenientes de individuos quaequer, tendo-se chegado á conclusão erronea de que a infantaria era a arma que mais rapidamente se podia recrutar, instruir, armar e equipar, e apromptar para a batalha;

b) Que as autoridades superiores, tendo dado pouca importancia á infantaria, os soldados, sargentos e muitos officiaes estavam antecipadamente dominados pela idéa de que a infantaria pouco valia, era a arma menos gloriosa e de menos prestígio, o que produziu uma depressão moral, e fez com que muitos officiaes da reserva, novos, instruidos e com dotes de comando, preferissem as outras armas e serviços;

c) Como consequencia de tão erradas concepções, os homens que nos depositos de recrutamento pouco valiam, phisica e intellectualmente, eram lançados na infantaria, de forma que eram estes homens que ficavam nas estradas e enchiam os hospitais;

d) Houve um tal desprezo pela infantaria que se tornou a arma menos homogenea, a ponto de nalgumas divisões grande numero de homens, ou não falavam, ou comprehendiam mal o inglez;

e) Era á infantaria que as outras armas vinham buscar os elementos que lhes faltavam, levando o que encontravam melhor, de forma que houve sérias dificuldades para formar quadros que preenchessem as baixas, tendo-se de lançar mão de verdadeiras nullidades».

A Comissão emite a opinião de que se deve ter em attenção as informações de todos os chefes que commandaram em França corpos de exercito, brigadas, regimentos de

infantaria e accentua — «que a organização não consiste só em reunir homens e armas em unidades e em determinadas proporções, mas é necessário prever os meios que se devem empregar para ter um pessoal instruido e enérgico, para se ter um organismo cheio de vitalidade e uma infantaria invencível».

— Uma infantaria bem organizada e preparada para a guerra de movimento será sempre á altura da sua missão numa guerra estabilizada; mas o contrario não é verdadeiro.

Portanto, qualquer que seja a forma de uma futura guerra, a infantaria deve ser instruida para a guerra de movimento e de maneira a desenvolver nesta arma o espirito offensivo.

Os ataques e defesas das posições cuidosamente organizadas por um grande escalonamento em profundidade, escalonamento que se torna extensivo mesmo a constituição da linha de fogo da infantaria. Ora se taes dispositivos convinham ás situações particulares, que então se apresentaram, será um erro considerar que podem ser applicados ás condições da guerra de movimento. Uma dispersao muito grande em profundidade pôde ser tão contra-indicada como uma frente muito extensa.

— A metralhadora é hoje um dos principaes obstaculos que se antilham á offensiva, sendo esta arma que determinou as formações dispersas adoptadas pela infantaria para o ataque. É natural que a sua importancia augmente, pois que a grande potencia do seu fogo e a possibilidade de actuar por surpresa tornam-na uma arma perigosa. Em vista disto, torna-se indispensavel instruir a infantaria de maneira que saiba adaptar rapidamente ao terreno os meios necessarios para localizar e pôr as metralhadoras ás de combate.

Na guerra estabilizada quasi todos os grandes ataques foram quebrados antes pelo entraquecimento da energia do atacante, do que pela resistencia do inimigo.

Se na guerra passada a frente pôde ser apoiada em obsitaculos intransponíveis, nem sempre isto sucederá, e desde que se possa atingir um flanco, a falta de mobilidade por parte da infantaria pode-lhe ser fatal.

— E' preciso tambem ligar a maior importancia á co-operation intima que deve haver entre a infantaria e a artilharia, para o que se torna indispensavel não só que haja meios aperfeiçoados de transmissão, mas que cada arma conheça de uma maneira completa o papel e modo de emprego da outra. Esta doutrina deve de tal modo ser inculcada que se converta numa rotina; mas isto só poderá ser obtido por meio de exercícios de armas combinadas em terreno variado, e por estagio dos officiaes nas armas diferentes das suas.

— O novo regulamento de manobras da infantaria foi baseado nas lições tacticas da guerra.

— E' ainda digno de consideração a maneira como os americanos confessam que a sua infantaria não estava á altura da missão a que fôra chamada no theatro occidental, e as autoridades superiores reconhecem que é necessário falar claro para provocar uma evolução completa na attitude do povo americano e do exercito para com a infantaria.

— Antes que os americanos atacassem o inimigo com forças importantes, já os aliados o tinham em cheque, e o seu moral tinha baixado fortemente em virtude de tres factos principaes: o insuccesso da sua offensiva de 1918, pois os allemaes contavam com a decisao; o mau estado social da sua nação; e, finalmente, a entrada em linha da America com os seus grandes recursos.

## BIBLIOGRAPHIA

### Recebemos e agradecemos :

Recebemos e agradecemos:

O Brasil;

Hoje;

Revista Militar (R. Argentina);

Memorial del Exercito de Chile;

Memorial de infantaria (Madrid).

## O Official de Estado Maior

### SUA CULTURA

(Continuação)

2º) Os que na mocidade nunca se preocuparam com os desportos e apenas, em materia de cultura physica, fizeram os classicos «exercicios de infantaria, cavallaria, etc.

*Aspecto:* Em geral ou muito gordos e obesos ou então, magros e macilentes. Quasi sempre em luta pela saude.

*Conclusão:* Muito estudosos e portadores de um solido preparo intellectual. Têm a primazia no serviço de gabinete. Como officiaes de exterior, alguns, apesar da boa vontade, manifestam-se incapazes.

3º) Os que na mocidade dedicaram um carinho especial á cultura, quer intellectual, quer physica e que continuam, durante toda a actividade, a manter o mesmo interesse e zelo pelas duas culturas, unico meio de conseguir o treinamento tão indispensavel á espinhosa e difficil tarefa de official de Estado Maior, conseguindo o verdadeiro equilibrio organico-intellectual.

*Aspecto:* Fortes e apresentam uma saude muito adequada á missão que lhes é afecta. São portadores de uma resistencia notavel.

*Conclusão:* Bons officiaes de gabinete, onde procuram estudar com vivo inte-

resse, os assumptos que lhes são distribuidos. Excellentes officiaes no exterior, onde o grão de resistencia permitte-lhes supportar com galhardia as mais serias provas. Senhores absolutos do campo, encaram os problemas com segurança e desempenham, com relativa facilidade, as missões que recebem.

Dividindo a vida do official do Estado Maior em duas phases, temos:

a) periodo de alumno,

b) periodo de official diplomado.

No primeiro periodo, isto é, quando alumno, a sua frequencia aos trabalhos de equitação não é sufficientemente fiscalizada. Esgrima, só pratica si é um apaixonado.

No segundo periodo, quando já tem o curso de Estado Maior e frequenta uma das secções do E. M., habitua-se logo á vida de repartição, apenas sacudida de quando em quando por uma manobra.

Incontestavelmente estamos bem atraçados.

Eu posso talvez ser um pouco exagerado ao pretender traçar um programma de educação physica intencionalmente relativo ao official de E. M., porém, que pode servir á qualquer official, mas, tendo uma longa pratica desportiva, tenho por isso mesmo a preocupação de ser moderado.

Na minha opinião, um official de E. M. deve praticar alguns dos seguintes desportos e, si possivel, todos:

- 1) Hippismo.
- 2) Esgrima.
- 3) Tiro.
- 4) Natação.
- 5) Marcha á pé.

Ao deparar com esta lista alguns naturalmente classificar-me-hão exagerado.

A' primeira vista tem-se impressão que o tempo necessario consumiria um dia. De facto, o *hippismo* deve ser praticado entre 1 e 2 horas por dia; a *esgrima*, não exagero dizendo ocupar pelo menos 1 hora, levando em conta o necessario repouso; o *tiro*, consome sem duvida, pelo menos, o espaço de meia hora; a *natação*, absorve francamente 1 hora e finalmente a *marcha a pé* com o minimo de 1 hora, não está exagerado.

De sorte que, em um dia, teríamos, nada menos do que um trabalho *activo-muscular* de 5 á 6 horas.

Inquestionavelmente é um exagero. Como será possivel conciliar o problema do tempo com o do numero e qualidade dos desportos?

E' muito facil, é uma questão de methodo!

Um official de E. M. ou candidato a essa função, deve ter uma vida methodica. Elle é um condenado a não abusar dos pseudos prazeres da vida! Deve ter um regimen comparavel ao do desportista. Dormir ás 22 horas e accordar-se ás 5 horas da manhã, eis o grande segredo, regulador de uma vida normal e equilibrada! O methodo completo vem depois.

Tentemos agora adaptar a questão do numero de desportos com o factor tempo.

Em primeiro lugar, devo dizer que faz parte do methodo reservar as manhãs exclusivamente ao desporto, isto é, o periodo entre 6 e 9 horas, ficando o periodo de 11 horas ás 16 horas destinado ao trabalho de repartição. Finalmente, o espaço de tempo comprehendido entre 19 1/2 horas e 21 1/2 horas, deve ser reservado ao estudo.

Nestas condições, a questão da distribuição dos dias da semana fica simplificada.

Em primeiro lugar, é aconselhavel uma hora de equitação diariamente. Quanto aos outros desportos, indico a seguinte tabella, que pôde entretanto variar, de acordo com a vontade do executante, podendo o desporto contido num dia ser feito em outro diferente, etc.

A tabella serve apenas como um guia:

	6 ás 7	7,30 ás 8,30
Segunda-feira	Equitação	Esgrima
Terça-feira	Equitação	Tiro
Quarta-feira	Natação	Equitação
Quinta-feira	Marcha	Equitação
Sexta-feira	Equitação	Esgrima
Sábado	Equitação	Tiro
Domingo	Natações, remo e outros desportos nauticos	

Esta tabella tem a vantagem de poder applicar-se durante todo o anno aqui no Rio, pois, é facto notavel, que o nosso clima é de tal forma ameno no inverno que a agua do mar é perfeitamente suportavel.

No meu preparo para a disputa das provas militares internacionaes, pratiquei a natação durante todo o anno de 1922, mesmo na phase intensiva do inverno, e achei a temperatura da agua em condições de permittir francamente o exercicio da natação.

Agora, em um clima frio, indico um outro recurso, que consiste em substituir a natação durante o inverno (isto porque no sul do Brasil, o pouco progresso ainda não permite a construcção de uma piscina susceptivel de aquecimento, como se opera geralmente durante o inverno em alguns paizes da Europa), aumentando o numero de dias dedicados á marcha a pé.

Realmente, o pedestrianismo é um dos mais agradaveis desportos do inverno. Todavia, em todo o Brasil existem centros desportistas nauticos e então, no inverno, asseguro que nada é mais agradável e distraido do que um passeio nautico, quer no mar, quer nos rios.

O panorama que se gosa é realmente encantador e o desporto é dos mais preconisados nos paizes onde a educação physica attingiu o apogeu, quer nos da Velha Europa, quer nos Estados Unidos. Entre nós, tenho a maior satisfação em declarar que o desporto do remo occupa neste momento o primeiro lugar, completado pela natação. A sua cultura no Rio de Janeiro, em S. Paulo e Santos em Belém, Natal, Recife, S. Salvador, Victoria, Florianopolis e em Porto Alegre, é feita com um carinho fóra do commun.

Porém, tão cedo o inverno fez sua despedidas, voltaí a nadar!

A natação revigora no homem os mais nobres sentimentos. O nadador volta-se a cada instante, sondando as ondas, com a constante preocupação de ver si algum semelhante necessita de seu auxilio. A natação é o maior calmante natural que existe e, si o praticante é um nadador de fundo, a cous torna-se mais completa. Elle termina por força um vitorioso na vida.

(Continua).

Cap. FRANCISCO FONSECA.

#### ERRATA

No artigo *Biteuto-brasileiros*, publicado no n. 110, leia-se na pag 451, linha 46 — *discriminar*, em vez de *descriminar*.